

Montanha e Tomás Alcaide: Um apontamento sobre os concertos no Funchal em 1924

Jorge Bonito

Professor auxiliar com agregação da Universidade de Évora

Email: jbonito@uevora.pt

RESUMO

Em outubro de 1924 anunciavam-se nos jornais madeirenses concertos líricos no Teatro Dr. Manuel de Arriaga, no Funchal, com Violante Montanha e Tomás Alcaide. Dois novéis artistas, respetivamente, com 20 e 23 anos de idade, no início das suas carreiras líricas, pese embora já tivessem pisado o palco de uma das mais exigentes plateias do mundo lírico, como é a do Teatro Nacional de São Carlos. Realizam-se dois concertos, nos dias 26 e 30 de outubro e um terceiro, de beneficência, a favor da Casa de Saúde de São João de Deus, no dia 1 de novembro seguinte. Com programas com números primorosos e seletos, acompanhados ao piano por William Böhm, em ambos os concertos os artistas foram ovacionados pelos excelentes e ímpares desempenhos, com uma aprovação com distinção e louvor que o público madeirense lhes conferiu no seu justo e vibrante *verdictum*. A crítica musical augurou-lhes notáveis carreiras, com portas abertas de uma genuína glória musical.

Palavras-chave

Violante Montanha; Tomás Alcaide; concertos líricos; Funchal.

1. O anúncio dos concertos no Funchal

O *Jornal da Madeira*, na sua edição de 24 de setembro de 1924, dá conta na coluna «Teatros: impressões e notícias» que¹:

A distinta soprano, mademoiselle Violante Montanha e o tenor Tomaz Alcaide, vão dar uma série de 3 concertos, provavelmente nos dias 26, 28 e 30 de outubro, no Teatro Funchalense, para o que será aberta brevemente a respetiva assinatura.

Ambos são discípulos de madame Mantelli e autorizados por ela a realizar esses concertos;

Mademoiselle Montanha cultora apaixonada da música, é já bastante conhecida do público do Funchal, que a aplaudiu nas festas em que aquela distinta artista amadora se desempenhou nos nossos primeiros palcos.

Hoje, com uma voz dum timbre aperfeiçoado, mercê do estudo a que se tem consagrado sob a direção da laureada artista M.^{me} Mantelli a soprano m.elle Montanha atrairá ao Teatro todos quantos cultivam a arte da música ou a admiram.

Tomaz Alcaide é nome que o público desta cidade recordará com grata evocação depois dos 3 concertos em que a sua voz de tenor se fará ouvir no nosso elegante teatro.

¹ *Jornal da Madeira* (24 set. 1924, p. 3).

O mesmo periódico, em 3 de outubro seguinte, revela que lhe consta «terem sido bem acolhidos os concertos que os distintos artistas amadores Violante Montanha e Tomás Alcaide pretendem levar a efeito, no Teatro Municipal nos dias 26, 28 e 30» de outubro². À data, a marcação de lugares, anunciada na Companhia Portuguesa de Bordados, Limitada,³ estava sendo indistintamente preenchida, expectando-se bastante concorrência nos referidos concertos. No mesmo dia, o *Diário de Notícias*, da Madeira, dá registo do mesmo evento: «Concertos Violante Montanha – Tomáz⁴ Alcaide. Continuam despertando o máximo interesse estes concertos, estando já marcados bastantes camarotes e lugares de plateia», prosseguindo a marcação de lugares aberta até ao dia 15 de outubro⁵.

Os concertos haviam de realizar-se no teatro municipal (Figura 1).

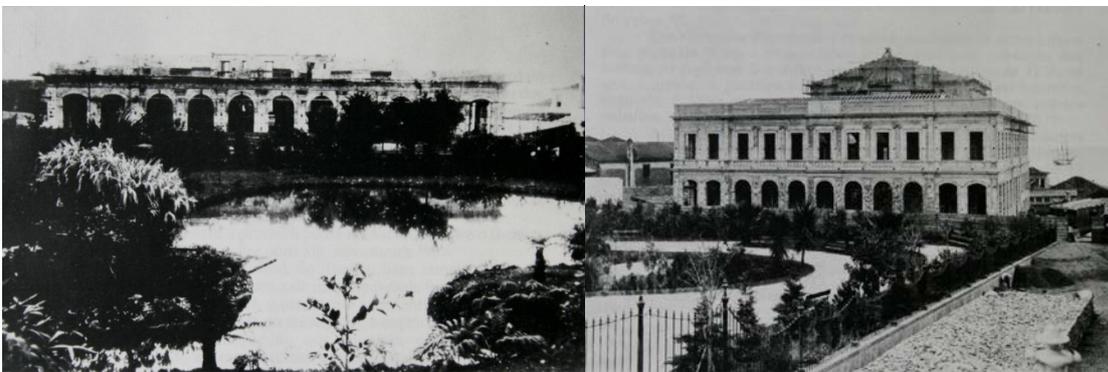


Figura 1. Teatro D. Maria Pia em construção (Photographia – Museu «Vicentes», *op. cit.* in RODRIGUES, 2011, p. 41).

Desde 1828, altura em que o Governador Álvaro Macedo mandou demolir o «Teatro Grande», supostamente por razões de segurança, que abriu as suas portas em 1777, que os funchalenses ansiavam por um teatro com as devidas condições. A inauguração oficial do teatro municipal ocorreu em 11 de março de 1888. Reunindo a

² *Jornal da Madeira* (3 out. 1924, p. 3).

³ Recordemos que a ideia das casas de bordados surgiu com os alemães, afirmando-se em detrimento dos exportadores de bordados. Em 1923 existiam na Madeira 100 casas de bordados e no ano seguinte registam-se 45.000 bordadeiras na ilha (VIEIRA, 1999). A Companhia Portuguesa de Bordados, Ltda., com sede na rua do Aljube, n.ºs 15 e 17 e na rua da Queimada de Baixo, n.º 24, receberia, supostamente, sempre os melhores e mais modernos tecidos (CORREIA e MACEDO, 2017). Esta sociedade, que regularmente se publicita em diferentes periódicos, apresenta-se como Salão de Modas e, em alguns anúncios, destaca a sua secção de modas – *Salon de Modes* – com uma conceituada modista de Lisboa (MACEDO, 2015).

⁴ A grafia «Tomaz» foi tornada obsoleta com o Acordo Ortográfico de 1945 (aprovado pelo Dec. n.º 35.228, de 8 de dezembro de 1945 e alterado pelo D.L. n.º 32/73, de 6 fev.), sendo substituída pela forma «Tomás». Neste trabalho usa-se a grafia atual.

⁵ *Diário de Notícias*, da Madeira (3 out. 1924, p. 1).

elite da sociedade madeirense, exhibe-se a zarzuela romântica, em três atos, «*Las dos Princesas*», do compositor Manuel Fernández Caballero (1835-1906)⁶, sob a interpretação da Grande Companhia de Zarzuela do empresário canariense José Zamorano y Villar⁷. Como modo de homenagem à rainha consorte Maria Pia de Sabóia (1847-1911), o teatro municipal foi batizado com o nome de Teatro D. Maria Pia.

Em novembro de 1910, na efervescência da revolução republicana, a Câmara Municipal do Funchal altera o nome do Teatro D. Maria Pia para Teatro Dr. Manuel de Arriaga⁸. Acontece que o homenageado recusou o gentil gesto da edilidade, pelo que a partir de 12 de janeiro de 1912 o teatro passa a designar-se de Teatro Funchalense⁹. Com a morte de Manuel de Arriaga, a Câmara Municipal do Funchal decide renomear o teatro para Teatro Dr. Manuel de Arriaga. Em 1935, sob a presidência de Fernão de Ornelas¹⁰, o teatro é rebatizado para Teatro Baltazar Dias¹¹ (Figura 2).

⁶ Esta zarzuela tem como libretistas Miguel Ramos Carrión (1845-1915) e Mariano Pina Domínguez (1840-1895), com a primeira execução em 5 de janeiro de 1879, no Teatro de la Zarzuela, em Madrid, Espanha.

⁷ Em 2 de março de 2018, com início às 18 horas, o Teatro Municipal Baltazar Dias assinalou a data com um concerto comemorativo do 130.º aniversário da sua inauguração. O evento foi assegurado com a intervenção da Orquestra Clássica da Madeira, sob a direção do maestro convidado Cesário Costa e os/as solistas Dora Rodrigues, Eduarda Melo, João Teixeira e José Corvelo. Do programa constam árias de A. Mozart, G. Donizetti, G. Puccini, G. Verdi e Pedro Macedo Camacho (obra em estreia mundial), para além da zarzuela «*Las dos Princesas*», de Fernández Caballero.

⁸ Manuel José de Arriaga Brum da Silveira e Peyrelongue (1840-1917) foi um advogado, professor, escritor e político natural da Horta, na ilha do Faial. Em 1878 procurou um lugar de deputado nas Cortes, integrando uma lista republicana candidata ao círculo n.º 96 de Lisboa. Saindo derrotado, volta a empenhar-se na campanha republicana para as eleições de 21 de agosto de 1881, nas quais foi novamente vencido. Vem a ser eleito nas eleições suplementares de 26 de novembro de 1882, pelo círculo da Madeira, a convite de uma comissão de comerciantes e industriais funchalenses. Após a implantação da República, em 24 de agosto de 1911, é eleito Presidente da República Portuguesa, por proposta de António José de Almeida.

⁹ CMF (2018).

¹⁰ Fernão Manuel de Ornelas Gonçalves (1908-1978) é natural da freguesia de São Pedro, Funchal. Licenciou-se em Direito na Universidade de Lisboa em 1931 e em 12 de janeiro de 1935 foi nomeado presidente da Câmara Municipal do Funchal (LOPES, 2005). Em 5 de maio de 2008, sob proposta do Partido Popular (CDS-PP), foi aprovada, por unanimidade, a homenagem a Fernão de Ornelas pelo seu contributo no desenvolvimento urbano do Funchal, com a mais elevada distinção: a Medalha de Honra da Cidade (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, DA MADEIRA, 5 mai. 2008).

¹¹ Baltazar Dias é um dramaturgo, poeta e romancista madeirense, da segunda metade do séc. XVI.

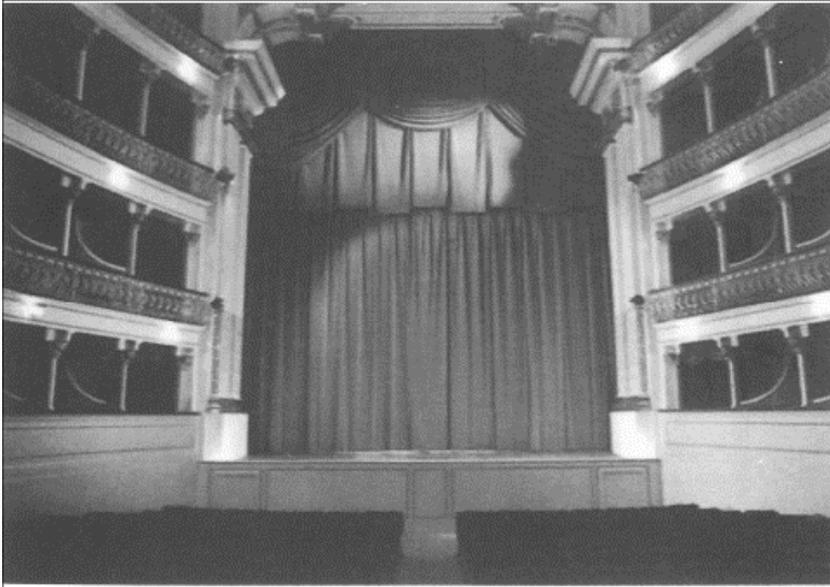


Figura 2. Interior do Teatro Baltazar Dias (MOREAU, 2001, p. 19).

Tomás Alcaide chega à cidade do Funchal numa quarta-feira, em 22 de outubro de 1924. A imprensa local anuncia que o cantor vai dar um concerto lírico no domingo seguinte, 26 de outubro, «com a tão distinta cantora D. Violante Montanha», que tanto sucesso alcançaram no Teatro Nacional de São Carlos. O concerto estaria a despertar «o maior interesse do meio elegante»¹².

Três dias depois, o *Diário de Notícias*, da Madeira, anuncia concertos líricos no «elegante» Teatro Dr. Manuel de Arriaga com «dois novéis e distintos artistas»¹³ – Violante Montanha e Tomás Alcaide – «onde por certo se dará *rendez-vous* a nossa elite»¹⁴. Prevê-se um delicioso serão de arte, fruto da escolha dos números, primorosos e seletos, que os cantores escolheram para a sua primeira audição.

A. F.¹⁵ assina a coluna do *Diário de Notícias*, da Madeira, com o título: «Teatro ‘Dr. Manuel de Arriaga’ – Violante Montanha e Tomás Alcaide – Os seus próximos concertos»¹⁶. O anúncio não deixa de nos criar alguma curiosidade (Figura 3).

¹² *Diário de Notícias*, da Madeira (23 out. 1924, p. 1).

¹³ Recordemos que, à data, Tomás Alcaide tinha completado 23 anos de idade e Violante Montanha os seus 20 anos.

¹⁴ *Diário de Notícias*, da Madeira (25 out. 1924, p. 1). Neste periódico, publicado no sábado, 25 de outubro, é indicado o dia 21 de outubro como domingo e como a data de realização do primeiro concerto; porém, este dia ocorreu numa terça-feira. Trata-se, seguramente, de um equívoco: o concerto veio a fazer-se, de facto, no domingo, mas no dia 26 de outubro.

¹⁵ As fontes disponíveis não nos permitem afirmar, com segurança, quem é o autor A. F., que assina a coluna musical do *Diário de Notícias*, da Madeira. A certo momento, todavia, A. F. indica que dirigiu Violante Montanha, pelo que avançamos tratar-se de um cantor ou de um maestro.

¹⁶ *Diário de Notícias*, da Madeira (25 out. 1924, p. 3).

Assegura-se que o nome do soprano antecede o nome do tenor, mas em sentido distinto dos precedentes anúncios referidos. A. F. coloca, em plano de destaque, pelo seu tamanho, o nome de Violante Montanha. Importa, pois, hipotisar, o pretense motivo de tal destaque, a que nos dedicaremos na próxima secção.

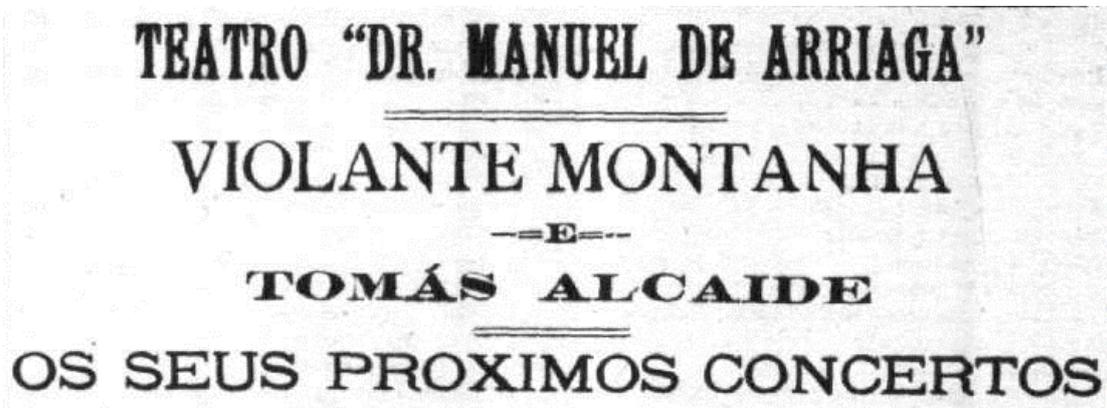


Figura 3. Anúncio dos próximos concertos de Violante Montanha e de Tomás Alcaide no Teatro Dr. Manuel de Arriaga (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, DA MADEIRA, 25 out. 1924, p. 3).

2. Violante Montanha

Violante Lopes Montanha, de nome completo, nasce em Lisboa, na freguesia da Graça, às 2 horas, do dia 11 de setembro de 1904. É filha de Artur Augusto da Silva Montanha e de Mariana da Conceição Lopes Montanha (Figura 4), residentes na rua de São Bento, n.º 169, 3.º esquerdo, em Lisboa¹⁷, casados às 9 horas de 11 de maio de 1901, na freguesia do Coração de Jesus, em Lisboa.

¹⁷ Sita na atual freguesia das Mercês. Curiosamente, foi nesta rua que nasceu Alexandre Herculano (1810-1877) e Laura Alves (1921-1986). Nela viveram, também, Amália Rodrigues (1920-1999), Hintze Ribeiro (1849-1907) e Fernando Pessoa (1888-1935). Este prédio já não existe, tendo sido substituído por outro que ocupou este número de polícia e vários outros, substituindo-os, de sul para norte, pelos números 167-A, 167-B, 167 e 167-C.



Figura 4. Violante Montanha (à direita), com os pais e a irmã Ilda Montanha (sem data). Espólio de Maria Teresa Montanha Ferreira de Matos.

O seu pai, Artur Montanha, nascera na vila de Moçâmedes¹⁸, freguesia de Santo Adrião, África Ocidental Portuguesa, em 29 de janeiro de 1879, sendo batizado pelo P.^e Diogo Damião Rudolfo de Santa Brígida e Sousa, em 9 de março de 1879, na igreja paroquial de Santo Adrião de Moçâmedes, diocese de Angola e Congo¹⁹. A sua mãe, Mariana da Conceição Lopes, é natural e batizada na freguesia do Coração de Jesus²⁰, Lisboa.

Violante é neta paterna de João Batista Guedes Montanha²¹ e de Clementina Amália da Silva Montanha, ambos naturais de Lisboa²². Os seus bisavós paternos são João Batista Montanha e Maria Roza Montanha, pais de João Baptista Guedes Montanha, e Manoel Joaquim da Silva e Violante Maria da Silva, pais de Clementina Amália da Silva Montanha. O nome da mãe da sua avó paterna terá sido o escolhido

¹⁸ Atual cidade capital da província do Namibe, em Angola, dando o nome a um dos cinco municípios da província.

¹⁹ Foram padrinhos Artur Gustavo Portugal Prayce, escrivão interino da Repartição da Fazenda de Moçâmedes, casado, e Eulália da Conceição Lopes da Silva, casada, residente, também, em Moçâmedes.

²⁰ Antiga freguesia que, em consequência da organização administrativa, oficializada em 8 de novembro de 2012, e que entrou em vigor após as eleições autárquicas de 2013, foi determinada a sua extinção, passando o seu território integralmente para a nova freguesia de Santo António.

²¹ Em 25 de fevereiro de 1879, no hospital da vila de Moçâmedes, faleceu de morte natural João Batista Guedes Montanha, primeiro-sargento do batalhão de caçadores, com 20 anos de idade provável (Assentamento reproduzido pelo P.^e Diogo Damião Rudolfo de Santa Brígida e Sousa, datado de 20 de março de 1879, reconhecido pelo tabelião João Eusébio da Cruz Toulson, de Moçâmedes, em 14 de novembro de 1881). Artur Montanha não viria, por isso, a conhecer o seu pai, que faleceu a menos de um mês após o seu nascimento.

²² Assento de batismo reproduzido pelo P.^e Diogo Damião Rudolfo de Santa Brígida e Sousa, datado de 20 de março de 1879, reconhecido pelo tabelião João Eusébio da Cruz Toulson, de Moçâmedes, em 14 de novembro de 1881.

para o nome próprio de Violante. Luis António Lopes e Iluminata Celestina Lopes são os seus avós maternos.

Violante teve três irmãs: *a)* Cora Montanha, casou com um membro da família Perestrelo, de ancestrais italianos ligados à capitania do Porto Santo, desde o séc. XIV e teve dois filhos (Eduardo Luis Perestrelo e José Alberto Perestrelo); *b)* Maria Luísa Montanha Ferreira nasce em Sá da Bandeira, sede da capital da província da Huíla de Angola e contrai matrimónio com Alberto Ferreira de Matos, ambos pais de Maria Teresa Montanha Ferreira de Matos (n. 1939), mãe de três filhos; *c)* Ilda Lopes Montanha, solteira, nasce em 1914, na freguesia de São Gonçalo, concelho do Funchal²³.

Violante é batizada na paróquia da Igreja de Santa Isabel²⁴, em Lisboa, em 29 de janeiro de 1905, pelo reverendo coadjutor P.º Heitor Olympio Dias Antunes,²⁵ tendo

²³ Em 1988, esta irmã veio pedir a exumação dos restos mortais de sua irmã Violante Montanha, mas o corpo não se encontrava em condições de o ato ser praticado. Posteriormente, os familiares de Violante Montanha não procederam a qualquer marcação, pelo que a campa foi considerada abandonada (SCB, 29 out. 2018). Ilda Montanha coabitou com Violante Montanha até ao seu falecimento. Mudou-se, depois, para o 1.º andar do n.º 48 da rua Heróis Quionga, na freguesia de Penha de França, concelho de Lisboa, sendo a sua última residência conhecida. Veio a óbito com 95 anos, às 7 horas de 25 de novembro de 2009 (Assento de óbito n.º 1490). Foi cremada no dia seguinte, às 11 horas no Crematório dos Olivais, em Lisboa, e as cinzas depositadas no cendário do cemitério de Olivais (DGC, 02 abr. 2019).

²⁴ Atualmente, paróquia de Santa Isabel da Vigararia de Lisboa III, sita na rua Saraiva de Carvalho, n.º 2-A, em Lisboa.

²⁵ Mais tarde, vamos encontrar este ministro da religião católica, ainda na qualidade de coadjutor da paróquia Real de Santa Isabel, a certificar em 23 de fevereiro de 1906 que, vendo os livros de batismos n.º 15 a folhas 172 v., encontrou o assento de batismo de Alexandre, filho de Theodoro Cândido de Araújo e de Maria do Carmo São Boaventura, celebrado em 30 de abril de 1810, pelo rev. coadjutor José Gonçalves Ferreira, na ermida das casas da sua residência, na rua de São Bento, em Lisboa. Supostamente, o assento de batismo refere que Alexandre Herculano nasceu em 28 de abril, o que vem a ser um erro: a criança nascera em 28 de março (NORONHA, 20 de março de 1910, p. 59). O P.º Heitor Antunes já deveria ter idade avançada. Em 7 de novembro de 1911, a Comissão Central de Execução da Lei da Separação é de parecer, nos termos da Lei de 17 de agosto de 1911, conceder ao pároco a pensão mensal provisória de 16\$665 réis, mais reduzida do que a dos ministros definitivamente providos, atendendo a que o rendimento do chamado pé de altar deveria ter diminuído consideravelmente com a aplicação da Lei do Registo Civil (Decreto de 18 de fevereiro de 1911) – supostamente, a comunidade da freguesia de Madalena tinha, apenas uma lotação de 273\$220 réis –, e levando em consideração as exigências da vida da época e da congruente sustentação dos ministros do culto (CNPE, 2014a). Em 6 de maio de 1913, este clérigo, já pensionista do Estado, encontra-se na freguesia de Madalena, concelho de Tomar, embora suspenso da paróquia da freguesia. Pese embora não se tenha sujeitado à suspensão da autoridade eclesiástica, os paroquianos deixaram de recorrer aos seus serviços, procurando párocos nos limítrofes quando necessitavam de qualquer serviço religioso. Desenvolveu-se uma campanha de ódio contra o sacerdote, acompanhada de insulto e ameaça. Tornando-se impossível a sua permanência na freguesia, para obstar a algum conflito que de futuro pudesse vir a ocorrer, veio solicitar autorização para abandonar a paróquia e mudar-se para a sua residência na freguesia de Caria, concelho de Belmonte, licença que veio a ser-lhe concedida em 17 de maio desse ano pela Direção Geral dos Negócios Eclesiásticos (CNPE, 2014b).

como padrinhos, o seu tio paterno, Álvaro Adolpho da Silva Montanha²⁶, empregado no comércio e solteiro, e a sua avó paterna, Clementina Amália da Silva Montanha²⁷.

Por Carta de 1 de março de 1900, o Rei D. Carlos nomeia Artur Montanha para o lugar de aspirante auxiliar do quadro telégrafo-postal, com o ordenado anual de 200.000 réis, considerando-se a nomeação como provisória. Nesse mesmo ano, por Portaria de 7 de abril, o Rei D. Carlos nomeia-o para o lugar de primeiro aspirante da direção dos telégrafos da província de Angola, com o ordenado anual de 360.000 réis. Dois anos passados, em 20 de março, recebe a promoção a segundo oficial dos telégrafos da província de Angola, agora com salário de 400.000 réis.

Em 1905, Artur Montanha encontra-se no quadro da Direção-Geral dos Correios e Telégrafos em Lisboa²⁸. Em virtude da sua transferência para o Funchal, a fim de ocupar a categoria de oficial principal, com apenas cinco anos de idade Violante foi viver para essa capital²⁹.

Tinha Violante Montanha sete anos de idade quando se estreia em palco, num espetáculo a favor da instituição de beneficência «O Vintém das Escolas»³⁰. A partir de 1911, Violante Montanha começa a participar com regularidade com companhias madeirenses e com outras que visitavam o Funchal, como é o caso da de Teodoro Santos.

Pedro de Freitas Branco (1896-1963) iniciou a sua brilhante carreira musical na ilha da Madeira, quando era ainda aluno do Liceu do Funchal. As primeiras referências do músico datam de 1914, quando integrava a Orquestra Sinfónica como violinista, sob a regência do maestro Manoel Ribeiro, que reunia os melhores músicos da Madeira. Alfredo de Freitas Branco refere que o seu primo Pedro de Freitas Branco organizou uma orquestra onde colaboraram músicos amadores de mérito, «contribuindo para que

²⁶ Irmão de Raul da Silva Montanha e de Artur Augusto da Silva Montanha.

²⁷ Assento de nascimento n.º 66.

²⁸ Supostamente, Artur Montanha já teria estado algum tempo no Funchal, hipótese que se levanta da transcrição do seu assento de batismo, na conservatória do registo civil do Funchal, datada de 3 de setembro de 1904.

²⁹ Moreau (1995).

³⁰ «O Vintém das Escolas» foi uma associação fundada pela Maçonaria, em 1901, na cidade do Porto, com o objetivo de combater a escola clerical por meio da escola secular. Para o efeito foram organizadas «missões» em diversas regiões de Portugal, como foi o caso do Funchal, para angariação de fundos, vendendo-se um periódico por 20 réis com o mesmo nome da associação. Da iniciativa resultaram algumas escolas primárias gratuitas (as primeiras escolas laicas em Portugal), bolsas escolares, cantinas e creches (MARQUES, 1986). Após a implantação da República, a associação foi continuada em Lisboa, pela Junta de «O Vintém Preventivo», apoiando a educação e assistência (creches e asilos), além da sua atuação político-cultural.

se tornassem conhecidas e apreciadas no meio funchalense as músicas clássicas e se desenvolvesse o gosto pela divina arte da Música»³¹. Deste estímulo saíram valores musicais que até ali nunca se tinham revelado, como foi o caso da cantora Violante Montanha³².

A. F., ao qual já nos referimos, terá chegado à ilha da Madeira, supostamente, nos finais de 1915 ou durante o primeiro mês do ano seguinte³³. Pouco tempo depois, em 3 de fevereiro de 1916, às 20:30 horas, realiza-se no Teatro Funchalense um sarau de caridade. Trata-se da primeira representação da revista em, três atos e 12 quadros, de Francisco Bento Gouveia e Luiz Pinheiro – «A Madeira na Berlinda» – com 29 números de música, sob a direção de Manoel Ribeiro. Com a apresentação (*compères*) de A. Lemos e Artur Montanha³⁴, são diversas as personagens que compõem a revista. O colunista A. F. percebe, de imediato, o talento artístico da gente madeirense, e em diversas crónicas no *Diário de Notícias*, da Madeira, terá «feito as mais elogiosas e justificadas referências»³⁵. O autor relata que:

Entre os pequeninos intérpretes de uma grande parte dos números desse sarau, apareceu-nos, como figura de destaque e de mérito nascente mas já incontestável, uma gentil criança, que só à sua parte tinha confiados uns doze números desse programa, cometimento que, só por si, faria suar uma artista consumada, sobre cujos ombros fosse lançada tão colossal tarefa!³⁶

A maior parte dos números interpretados eram canções.³⁷ A criança terá revelado invulgares qualidades artísticas de dicção, de composição da figura, da maneira de gesticular e de pisar o palco, de representar em suma. A sua voz infantil, evidenciada num pequeno fio, tinha bonito timbre e, sobretudo, uma afinação extraordinária. O seu nome era Violante Montanha, com os seus onze anos de idade (Figura 5)

³¹ Cruz (1953).

³² O maestro Pedro de Freitas Branco dirigiu, também, Tomás Alcaide, tendo sido um dos seus admiradores.

³³ *Diário de Notícias*, da Madeira (25 out. 1924, p. 3).

³⁴ Muito provavelmente, o pai de Violante Montanha.

³⁵ *Diário de Notícias*, da Madeira (25 out. 1924, p. 3).

³⁶ *Diário de Notícias*, da Madeira (25 out. 1924, p. 3).

³⁷ A menina Violante representou as seguintes personagens: «Florista», «Latacha» e os «Escravos da Moda» (DSEAM, 2018).



Figura 5. Violante Montanha (sem data). Espólio de Maria Teresa Montanha Ferreira de Matos.

Uma das maiores novidades musicais e teatrais deste período é a emergência de repertório original de criação regional, ainda que sob influência lisboeta e espanhola: a revista. Vários foram os números inspirados em fados, boleros, habaneras, entre outros. Provavelmente, a revista madeirense foi influenciada pela congénere de Lisboa, por ação de músicos militares que foram do continente para a Madeira (e.g., Manoel Ribeiro) e pela *zarzuela* espanhola (e.g., companhias de *zarzuela* que, à época, atuavam no Funchal)³⁸. Entre 1909 e 1940 terão sido produzidas, no Funchal, dezenas de revistas originais, em espetáculos criativos que misturavam libretistas, compositores e coreógrafos regionais³⁹.

³⁸ Esteireiro (2016).

³⁹ O autor cita a ação de músicos como Augusto Graça, Manoel Ribeiro, Dário Florez e o capitão Edmundo Conceição Lomelino. No domínio dos libretos, a variedade de autores é maior, destacando-se Alberto Artur Sarmiento, Adão Nunes e Teodoro Silva (ESTEIREIRO, 2016).

Em 1916, o Teatro Dr. Manuel de Arriaga leva à cena a revista «Miúdos», com música de Dário Florez⁴⁰ e texto de Pedro de Oliveira Castro. Na apresentação da revista, Violante Montanha faz furor, sobretudo no «Fado da Miséria», que ficou célebre na Madeira. No ano seguinte, Dário Florez compõe a música da nova revista, com o título tipicamente madeirense «Semilha e Alface», com letra de Adão Nunes⁴¹. Violante teve uma perfeitíssima interpretação, conquistando, uma vez mais, as simpatias do inteligente público madeirense.

Supostamente, os pais de Violante, e, particularmente a sua mãe, tê-la-ão proibido de continuar a representar por não aceitarem a vocação da jovem filha, agora com 13 anos, mantendo-se, por isso, abstinente na participação artística até completar 18 anos de idade⁴².

Mais tarde, A. F. teve oportunidade de dirigir Violante Montanha, considerando, à data de 1924, que era uma honra para a sua pessoa, em virtude de a cantora ter sido uma das primeiras estrelas femininas na representação da revista «Semilha e Alface». O autor considera que «estava, pois, traçado o caminho da novel cantora e abertas, por certo, na sua frente as portas amplas de uma genuína glória musical»⁴³.

O tenor Júlio Câmara (1876-1950) esteve radicado na Madeira, durante alguns anos, a ensinar canto.⁴⁴ É um dos protagonistas da criação de grupos corais de grande dimensão. Em 1920, encontramos-lo a dirigir o Orfeão Académico, o qual chegou a ser

⁴⁰ Salvador Dário Florez de Pando (1879-1951) é natural de Espanha. Radicou-se no Funchal, durante o primeiro quartel do século XX, muito provavelmente em 1913 (CLODE, 1952). Naturalizou-se português e foi funcionário das Obras Públicas da Junta Geral. Durante três décadas, Dário Florez dirigiu, no Funchal, muitos concertos e orquestras, para além de compor várias músicas de revista, género em que foi um dos músicos pioneiros no Funchal. Ao que parece, na terceira vez em que a revista «Miúdos» foi levada a cena, o cônsul espanhol D. José Campanela terá ofertado a Dário Florez uma batuta de hipopótamo (GONÇALVES, s.d.). A. F. lamenta o facto do compositor se ter confinado no meio limitado da ilha da Madeira, pois teria sido um consagrado se se dedicasse ao género em meios artísticos maiores (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, DA MADEIRA, 25 out. 1924).

⁴¹ O prestígio do músico espanhol como regente era de tal ordem que, no segundo quartel do século XX, quando se criou a «Grande Orquestra Madeirense» – comissariada pelos irmãos Clode (Luiz Peter Clode e William Clode) e apoiada pela Câmara Municipal do Funchal, sob o executivo de Fernão Ornelas –, Dário Florez foi escolhido para ser o seu primeiro maestro (GONÇALVES, s.d.).

⁴² Moreau (1995).

⁴³ *Diário de Notícias*, da Madeira (25 out. 1924, p. 3).

⁴⁴ Júlio Câmara, natural de Lisboa, foi professor do Conservatório do Porto. Em 1911 é criado no Funchal o Cenáculo, enquanto tertúlia «famosa pela categoria intelectual dos seus frequentadores e pela decisiva influência que exerceu no meio cultural e artístico madeirense» (PESTANA, César – *Academias e tertúlias literárias da Madeira – O Cenáculo. Das Artes e da História da Madeira*. Funchal, vol. II, fasc. 38, maio-junho 1952, p. 21, *op. cit. in* GÓIS, 2015, p. 23). Foi membro do Cenáculo, na qualidade de frequentador. Júlio Câmara constitui, também, uma prova da grande difusão do fado em contexto erudito, juntamente com obras clássicas. No seu reportório, de 1918, inclui-se um «lindo fado sentimental» (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, DA MADEIRA, 5 fev. 1918, p. 2).

composto de 85 elementos⁴⁵. Tendo conhecido a vocação e o potencial vocal de Violante Montanha, Júlio Câmara decide ensiná-la, introduzindo-a na senda das verdadeiras cantoras. Distinguindo-se entre as/os colegas, pela rápida progressão da aprendizagem da técnica vocal, ao fim de poucas lições Violante Montanha surge, no Teatro Dr. Manuel de Arriaga, em maio de 1923, como um autêntico valor lírico, nos concertos de alunas/os do seu mestre, num recital com o próprio Júlio Câmara, cantando: a «*aria dei gioielli*» e a «*aria di Siebel*» da ópera, em cinco atos, «*Faust*»⁴⁶, do compositor francês Charles Gounod (1818-1893); um dueto da ópera, em três atos, «*Tosca*», do compositor italiano Giacomo Puccini (1858-1924); uma ária da ópera, em dois atos, «*Pagliacci*», do compositor italiano Ruggero Leoncavallo (1857-1919), entre outros trechos⁴⁷. Com a atuação, a cantora impressiona o atento público, deixando grande renome na Madeira e evidenciando as tão notáveis qualidades artísticas de ilustres filhas/os da terra.

E, de facto, o reconhecimento da qualidade da voz de Violante Montanha estava feito pelo público funchalense. No *Elucidário Madeirense*, da autoria dos Padres Fernando Augusto da Silva e Carlos Azevedo de Menezes, datado de 1921, já surgia como registo de «boa cantora D. Violante Montanha»⁴⁸. A revista semanal «*Ilustração Portuguesa*» [*sic*], na edição de 9 de junho de 1923, dava conta nos «Retratos» de artistas portugueses, do nome da cantora (Figura 6):

D. Violante Montanha – Ilustre cantora madeirense, discípula do professor sr. Júlio Câmara, que recentemente se estreou com grande sucesso, acompanhada pelo seu professor, no Teatro Dr. Manuel d’Arriaga, do Funchal⁴⁹.

⁴⁵ Esteireiro (2018).

⁴⁶ Baseada na obra dramática *Urfaust* de Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832).

⁴⁷ Moreau (1995).

⁴⁸ *Apud* Rua (2010, p. 34).

⁴⁹ Chaves (1923, p. 727).

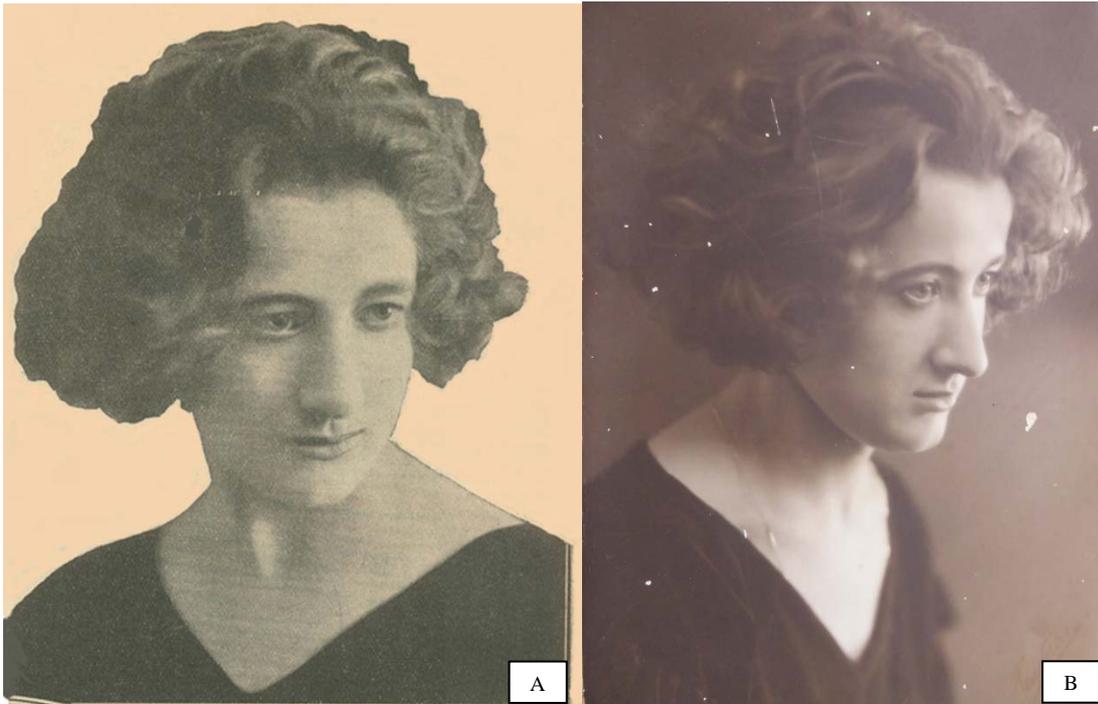


Figura 6. Violante Montanha: A – CHAVES (1923, p. 727); B – Espólio de Maria Teresa Montanha Ferreira de Matos.

Sob conselho e orientação de Júlio Câmara, Violante irá a rumar para Lisboa, ainda com 18 anos de idade (Figura 7), para estudar com a exímia professora de canto Madame Mantelli (Figura 8), dedicando-se exclusivamente à carreira lírica. Os seus pais, segundo Maria Teresa Montanha Ferreira de Matos, acompanham-na, instalando-se na rua Marquês da Fronteira, n.º 70, 1.º direito, freguesia de Campolide⁵⁰.

⁵⁰ Note-se, todavia, que esta informação levanta alguma suspeita. Violante Montanha terá ido para Lisboa em 1922, porém, em 29 de outubro de 1938, a Administração Geral dos CTT emite o Bilhete de Identidade n.º 254 de Artur Augusto da Silva Montanha, para a categoria de oficial principal, com funções no E. T. do Funchal. Hipotiza-se, por isso, que apenas a mãe de Violante Montanha a tenha acompanhado na instalação na cidade de Lisboa.



Figura 7. Violante Montanha. Fotografia ofertada ao seu tio, como prova de estima, sem data (Espólio de Maria Teresa Montanha Ferreira de Matos).



Figura 8. Madame Mantelli: A – Lambertini (1910, p. 147); B – *Eco artístico* (1913).

Eugenia Mantelli De Angelis (1864-1926), filha de professores de música, nasceu em Caserta, Itália. Criada num grande ambiente artístico, muito cedo revelou as suas prometedoras tendências musicais. Iniciou o estudo de piano aos 6 anos de idade e com

17 anos completou o estudo simultâneo de canto e piano, com diploma honroso, no Real Conservatório de Música, em Milão.

Dois anos mais tarde, em 1883, faz a sua estreia lírica profissional no Teatro Nacional de São Carlos, como «*Urbain*» da ópera «*Les Huguenots*», do compositor alemão Giacomo Meyerbeer (1791-1864), trabalhando ao lado de Herminia Borghi Mamo. Em várias épocas se fez nele escutar com constante aplauso, cantando no ano seguinte com Gayarre-Sembrich-Donadis, conduzindo-a a uma tournée pela Alemanha e, deste modo, se estreia no *Krolloper* de Berlim, Alemanha.

Em 16 de junho de 1910 realiza-se um concerto na Academia dos Amadores de Música, dedicado a esta cantora.⁵¹ Além das peças de orquestra, já repetidas em outros concertos, o que houve de notável foi a apresentação da distinta artista Eugenia Mantelli e de Maria Amélia da Matta, discípula de Hernani Braga. Mantelli cantou, com o mais puro estilo italiano: «*Aprile foriero*» de «*Sansone e Dalila*», do compositor francês Camille Saint-Saëns (1835-1921); «*Figlia mia*» da ópera «*Tamerlano*», bisada, do compositor alemão Georg Friedrich Händel (1685-1759); «*Der Asra*», do compositor russo Anton Rubinstein (1887-1982); e «*Je t'aime*» do compositor italiano Luigi Rossi (1597-1653).

Mantelli tinha uma vasta gama vocal, concentrando-se principalmente dentro do repertório meio-soprano. Perdido o esmalte de uma voz que fora formosíssima, quente e flexível, Madame Mantelli retira-se de cena e dedica-se ao ensino do canto. Fixa residência em Lisboa⁵². Em 1910, Madame Mantelli era considerada uma das poucas artistas da época que se distinguiu pelo excelente método de canto e pelo conhecimento profundo de todos os segredos da sua arte⁵³. Mantelli é «Senhora que ilustra o seu nome com o requinte da gentileza do seu trato e que reúne ainda a respeitabilidade das suas acções e o seu talento artistico»⁵⁴.

O semanário *Jornal dos Teatros* confirma, em primeira página, que:

É assim que, quer pelo seu metodo apreciavel de ensino, quer pelos primôres de sua esmerada educação, quer ainda pelo grande sentimento e alma de uma notável organização artistica, todo esse raro conjunto de qualidades e faculdades que

⁵¹ Lambertini (30 jun. 1910, p. 147).

⁵² Eugenia Mantelli era professora de canto e de piano, em 1910, à rua de Belver, n.º 1, rés-do-chão esquerdo, atual Rua dr. Luís de Almeida e Albuquerque, da freguesia de Santa Catarina, em Lisboa. Em 1924, tinha uma escola na rua do Mundo, atual rua da Misericórdia, freguesia da Encarnação, em Lisboa, onde veio a falecer.

⁵³ Lambertini (30 jun. 1910, p. 147).

⁵⁴ *Jornal dos Teatros* (1 jun. 1919, p. 1).

distingue Madame Mantelli, conseguem atrair-lhe justas simpatias, respeitos e um maior interesse pela escola a que dispensa o mais desvanecido carinho⁵⁵.

Em pouco tempo reuniu em volta de si um considerável núcleo de devotas/os alunas/os, entre as quais estava Violante Montanha, uma das suas mais diletas aprendizas.⁵⁶ Ao cabo de poucos meses dos ensinamentos de Madame Mantelli, Violante Montanha apresenta-se em audições de alunas/os, por vezes com Tomás Alcaide que estudava, também, com aquela professora. Mantelli considera que Violante estava apta para iniciar a carreira operática.

Cerca de dois anos depois de ter chegado a Lisboa, em 12 e 19 de janeiro de 1924, Violante Montanha apresenta-se ao público escolhidíssimo do Clube Estefânia⁵⁷ (Figura 9), onde canta o 1.º, 3.º e 4.º atos da ópera, em quatro atos, «*La Bohème*», de Puccini, no papel de «*Mimi*», com o soprano Lúcia da Piedade, o estreante tenor Tomás Alcaide, no papel de «*Rodolfo, poeta*», o barítono Carlos Orrico (1898-1942) e o baixo Manuel Mergulhão. Terá sido uma noite com um sucesso colossal no meio musical de Lisboa, sob a proficiente regência do grande amador lisboeta D. Henrique de Alarcão, que dirigia a orquestra e a ópera.

⁵⁵ *Jornal dos Teatros* (1 jun. 1919, p. 1).

⁵⁶ E outros como Cesarina Lira, Ortencia Fontana, Maria Couto, Elisa Rogemoser, Rachel Barros, Maria Pires, Manoel Alves da Silva, Raul Lacerda. Em 1940, a Emissora Nacional adquire autonomia administrativa passando para a alçada da Presidência do Conselho. Dias Pombo dirigia o Orfeão, renomeado nesse ano como Coro Popular de Lisboa. Tendo cursado violino no Conservatório Nacional de Lisboa, foi aluno distinto de Eugénia Mantelli e condiscípulo de Tomás Alcaide e de Violante Montanha (Rádio Nacional, 1949, 1 de janeiro, *op. cit. in* MOREIRA, 2012, p. 150). Entre as/os aprendizes de Mantelli figura, também, a talentosa M.^{elle} Elsy Rogenmoser, que tomou para o teatro o nome de Elsy Rubini (LAMBERTINI, 15 set. 1912, p. 170; LAMBERTINI, 30 set. 1912, p. 178).

⁵⁷ Fundado em 1890, é um dos clubes de bairro mais conhecidos de Lisboa. Na sua sala de espetáculos representaram grandes nomes do teatro e da música portugueses, entre eles Eunice Muñoz (n. 1928), que fez aqui a sua estreia. Desde sempre ligado ao teatro, o Clube tem atualmente um protocolo com a Escola de Mulheres – Oficina de Teatro que apresenta neste espaço várias produções. Dispõe de uma sala de teatro com capacidade para 180 lugares, de um salão de baile com 120 m² e de um pequeno palco. O espaço tem bar e sala de jogos. Situa-se na rua Alexandre Braga, n.º 24-A, rés-do-chão, na freguesia de Arroios, em Lisboa.

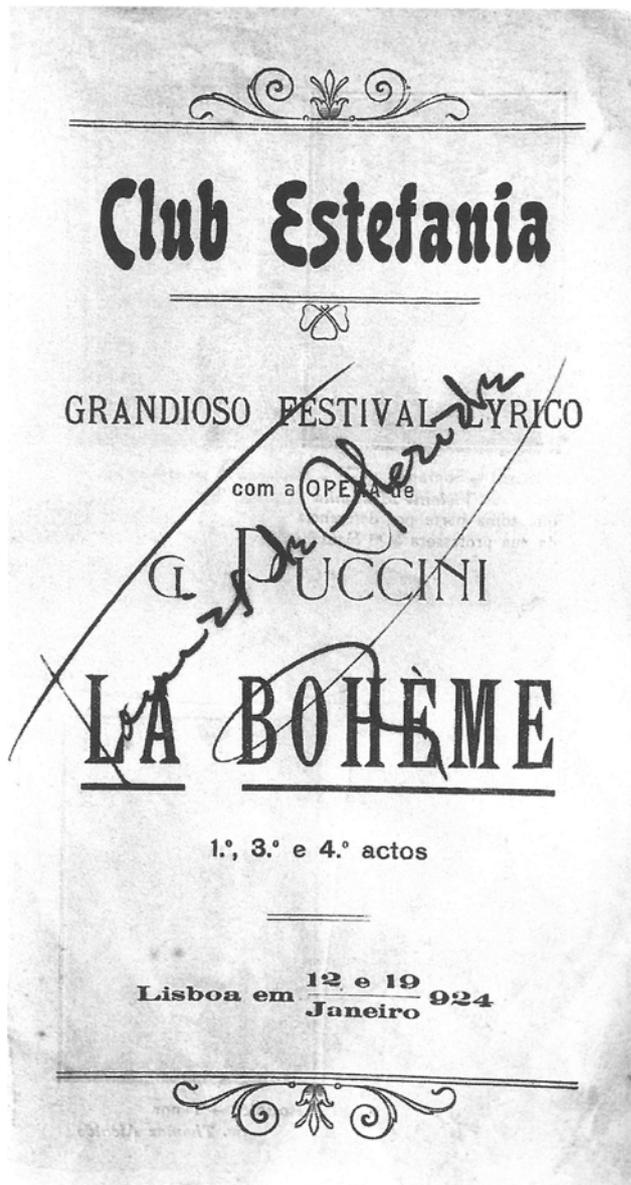


Figura 9. Frontispício do programa da ópera «*La Bohème*» levada a cena no Clube Estefânia, em Lisboa (MOREAU, 2001, p. 17).

A estreia de Violante Montanha no Teatro Nacional de São Carlos⁵⁸ ocorre em 14 de fevereiro de 1924, às 20:30 horas⁵⁹. A cantora tinha, apenas, 19 anos. No papel de uma das «Flores» («*Blumenmädchen*»), da ópera, em três atos, «*Parsifal*», do compositor alemão Richard Wagner (1813-1883), Violante é dirigida pelo maestro

⁵⁸ Este teatro foi inaugurado em 30 de junho de 1793 pelo Príncipe Regente D. João (1767-1826), substituindo o Teatro Ópera do Tejo, destruído no terramoto de 1755. Até à queda da Monarquia, o Teatro de São Carlos era habitualmente apelidado de «Teatro Italiano».

⁵⁹ *Diário de Lisboa* (14 fev. 1924).

italiano Tullio Serafin⁶⁰ (1878-1968) ao lado do soprano polaca, e esposa de Tullio Serafin, Elena Rakowska Serafin (1882-1964), no papel de «*Kundry*», e do tenor espanhol Isidoro Fagoaga (1893-1975), interpretando «*Parsifal*». Seguiram-se récitas nos dias 16, 17 e 19 de fevereiro⁶¹.

O maestro Tullio Serafin, um dos mais ilustres da ópera italiana da época, terá ficado positivamente encantado com a voz e qualidades artísticas de Violante Montanha. Vaticinou-lhe um esplêndido futuro lírico, aconselhando-a a seguir para Itália, colocando à sua disposição a sua enorme valia e o peso da sua extraordinária autoridade musical e técnica.

O debute de Violante Montanha dá-se logo no mês seguinte, no Teatro Nacional de São Carlos. Nos dias 3 e 4 de março⁶², segunda-feira e terça-feira, respetivamente, Violante canta o primeiro ato da «*La Bohème*», no papel de «*Mimi*», contracenando com Tomás Alcaide, representando «*Rodolfo*», e com a participação dos demais artistas da companhia lírica italiana que trabalhavam naquele teatro: Gino Lussardi («*Marcello*»), Nicola Rakowski («*Schaunerd*») e Enrico Contini («*Colline*»). Seguiu-se o segundo quadro da ópera «*Faust*», de Gounod, com Violante Montanha no papel de «*Marguerite*», acompanhada por Ettore Castelazzi («*Faust*»), Gino Lussardi («*Valentin*») e Carlo Argentini («*Mefistofeles*»). O espetáculo completou-se com o primeiro ato da *opera-buffa* «*Il barbiere di Siviglia*», do compositor italiano Gioachino Antonio Rossini (1792-1868), com a participação de Ettore Castelazzi («*Almaviva*»), Gino Lussardi («*Figaro*») e Antonio Prati («*Fiorello*»). O *Diário de Lisboa*⁶³ anuncia estas récitas do seguinte modo:

(...) dois espetáculos interessantíssimos, apropriadamente organizados. Representam-se três atos de óperas diferentes, de agrado comprovado, e o seu desempenho é de modo a aumentar ainda a curiosidade do público. O 1.º ato do

⁶⁰ Tullio Serafin foi músico na orquestra do *Teatro alla Scala*, de Milão, sob a direção de Arturo Toscanini (1867-1957), mais tarde nomeado maestro adjunto. Tomou posse como Diretor Musical no mesmo teatro quando Toscanini saiu para *New York*, EUA, nos períodos de 1909-1914, de 1917-1918 e de 1946-1947.

⁶¹ *Diário de Lisboa* (16 fev. 1924). Nesta terça-feira, 19 de fevereiro, apresentou-se a última representação do drama místico de Wagner, com início às 20 horas (DIÁRIO DE LISBOA, 19 fev. 1924), enquanto nos outros dias o espetáculo iniciara às 20:30 horas.

⁶² Trata-se das 17.ª e 18.ª récitas ordinárias da época. Nos dias anteriores, 1 e 2 de março, às 20:30 horas, representaram-se as 15.ª e 16.ª récitas ordinárias, com as duas últimas representações da obra-prima de Rossini «*Guglielmo Tell*», sob a direção do maestro Tullio Serafin (DIÁRIO DE LISBOA, 1 mar. 1924). A diversidade de oferta cultural era de tal dimensão, à época, que no dia a seguir, às 21 horas, o Teatro Nacional de São Carlos já apresentava a 5.ª récita extraordinária, com a estreia do tenor Ritch, com a «*Tosca*» (DIÁRIO DE LISBOA, 5 mar. 1924).

⁶³ *Diário de Lisboa* (3 mar. 1924, p. 4).

«Barbeiro de Sevilha», desempenhado pelos artistas [Ettore] Castellazzi, [Gino] Lussardi e [Antonio] Prati, com a intervenção do coro masculino; o 1.º ato da «Bohème», em que se apresentam uma cantora e um tenor portugueses de faculdades muito prometedoras, secundados pelos cantores [Gino] Lussardi, [Nicola] Rakowski e [Cesare] Spadoni; e o 2.º quadro da ópera «Fausto» com todo o seu brilhantismo de grande espetáculo, com o corpo de baile e em que as partes de Margarida, Siebel, Fausto, Metistofeles e Valentim, são, respetivamente, cantadas por Violante Montanha, Lina Balduzi, [Ettore] Castellazi, Pablo Argentini e [Gino] Lussardi.

A. F. coloca o «maestro Malogodi»⁶⁴ [*sic*] na regência da orquestra. Porém, no Programa de Sala consta como maestro diretor de orquestra, no evento a que anteriormente nos referimos, o nome de Tullio Serafin. Aldo Malagodi é o maestro do coro. Se assim é, efetivamente, Malagodi nunca dirigiu no Teatro Nacional de São Carlos óperas nem concertos, uma vez que as fontes são omissas a esse respeito. Malagodi terá realizado ensaios preparatórios do coro para óperas e concertos ao longo do ano, comumente conhecidos por «ensaios de sala».

Do espetáculo realizado no Teatro Nacional de São Carlos, no início de março, Violante recebe da crítica o mais prometedor batismo que uma estreante pode ambicionar. A cantora começara, precisamente, onde muitos artistas líricos acabam: no *placet* de uma das mais exigentes plateias do mundo lírico. O *Diário de Notícias*⁶⁵, de Lisboa, publica:

Na *Bohème* debutaram dois personagens de talento, o soprano sr.^a Violante Montanha e o tenor sr. Alcaide, ouvidos com atenção e muito aplaudidos nos respetivos 'raccontos'.

Violante Montanha (Figura 10) recebe, finalmente, a sua consagração pública nacional. À data, ensaiava-se a ópera «*Der Rosenkavalier*»⁶⁶, de Richard Strauss (1864-1949), farsa lírica, em três atos, ainda que sem intérprete para o papel de «*Sophie von Faninal*». Madame Mantelli, conhecedora da sua aluna e confiante nas suas capacidades, recomenda Violante Montanha ao maestro Tullio Serafin (Figura 11) para o papel.

⁶⁴ *Diário de Notícias*, da Madeira (25 out. 1924). O nome do maestro estará, seguramente, com uma gralha do jornal. Trata-se, de facto, de Aldo Malagodi que, pouco tempo antes, em agosto do 1923 (dias 2, 4, 5, 7, 9, 11, 12, 14 e 15), o encontramos como maestro substituto do maestro do coro Cav. A. Clivio, na apresentação da ópera «*Aida*», de Giuseppe Verdi, sobre a praça do castelo histórico da cidade de Údine, em Itália (MIBACT, 2018).

⁶⁵ *Diário de Notícias*, de Lisboa (4 mar. 1924).

⁶⁶ A obra-prima de Strauss «*Der Rosenkavalier*» teve estreia em Portugal em 29 de março de 1924, sábado, às 20:30 horas, constituindo a 10.ª récita extraordinária do Teatro Nacional de São Carlos. Logo no dia seguinte, com a 31.ª récita ordinária, se levou à cena a última representação da «*Aida*» (DIÁRIO DE LISBOA, 29 mar. 1924).



Figura 10. Violante Montanha (sem data). Espólio de Maria Teresa Montanha Ferreira de Matos.

Parece que o diretor do Teatro Nacional de São Carlos⁶⁷ – Fernando Cabral –, tendo ouvido Violante no Clube Estefânia, advogava, também, a candidatura da jovem cantora para o papel de «*Sophie von Faninal*». O maestro, porém, pretendia ouvir Violante antes de tomar qualquer decisão. Deslocou-se, então, ao Teatro Nacional de São Carlos onde Violante Montanha interpretava o 1.º ato da «*La Bohème*»⁶⁸. No

⁶⁷ Moreau (1995).

⁶⁸ A ser factual esta deslocação do maestro Tullio Serafin ao Teatro Nacional de São Carlos, para escutar Violante Montanha, conforme indica Moreau (1995), assume-se então como hipótese o maestro Aldo Malagodi estar na regência da orquestra das récitas dos dias 3 e 4 de março de 1924, ainda que o Programa de Sala indique que nesse papel estaria Tullio Serafin. De outro modo, a ser verdade que Tullio Serafin tivesse dirigido a orquestra nesses dias, teria tido oportunidade de privar com Violante Montanha, orientando e ouvindo as suas interpretações, deixando de ter sentido a afirmação deste se ter deslocado ao Teatro Nacional de São Carlos enquanto Violante Montanha cantava o 1.º ato da «*La Bohème*», precisamente porque ali estaria nesse momento.

intervalo seguinte terá dito para alguém que o acompanhava: «Já temos ‘Sofia’ para ‘O Cavaleiro da Rosa’»⁶⁹.



Figura 11. Tullio Serafin (Programa de Sala da 5.ª época – 1923-1924 – do Teatro Nacional de São Carlos: «*Der Rosenkavalier*»).

E assim aconteceu em 29 de março de 1924. Sob a direção musical de Tullio Serafin, Violante Montanha canta a difícil ópera de Strauss, contracenando com a americana Lenore Cohrone (1880-1988) («*Feldmarschallin von Werdenberg*»), o italiano Giorio Lansky («*Baron Ochs auf Lerchenau*»), a italiana Giulia Romagnoli («*Octavian*») e Nicola Rakowski («*Fanimal*») (Figura 12). As reações não se fizeram esperar.

⁶⁹ Moreau (1995).

Bonito, J. (2019). Violante Montanha e Tomás Alcaide: Um apontamento sobre os concertos no Funchal em 1924. *Isleña*, 64, 59-106. [ISSN 0872-5004]



Figura 12. Programa de Sala da 5.ª época (1923-1924) do Teatro Nacional de São Carlos: «Der Rosenkavalier».

Luís de Freitas Branco agracia-a com «muito bem a Sr.ª Violante Montanha, que foi, para nós, uma revelação com voz e com musicalidade, no papel de ‘Sofia’»⁷⁰. J. Aranha comenta: «Violante Montanha, jovem artista portuguesa que fez uma ingénua muito interessante, revelando uma voz de timbre fresco, muito afinada e segura, na difícil parte que lhe coube»⁷¹. Para além desta, cantaram-se, ainda, mais três récitas, em 30 de março e nos dias 1 e 2 de abril.

Em 5 de abril desse mesmo ano, às 21 horas, faz-se no Teatro Nacional de São Carlos uma récita de homenagem ao maestro Tullio Serafin, que completara, em 1 de setembro, 46 anos de idade, pela orquestra do teatro aumentada até 90 executantes. Ali encontramos Violante Montanha a tomar parte no desempenho do terceiro ato de «Die

⁷⁰ *Diário de Notícias*, de Lisboa (30 mar. 1924).

⁷¹ *Diário de Lisboa* (31 mar. 1924, p. 2).

Walküre», de Wagner, mas o *Diário de Lisboa*⁷² apenas se refere aos primeiros papéis do soprano espanhola María Llácer Rodrigo (1888-1962), da americana Lenore Cohrone e do barítono espanhol José Segura-Tallien (1880-1927).

Concluída a temporada, a companhia rumou para a cidade do Porto. No Teatro Nacional de São João⁷³, Violante Montanha estreia-se no papel de «*Jemmy*», da ópera, em quatro atos, «*Guglielmo Tell*», de Rossini, em 19 de abril, repetindo no dia seguinte. Nos dias 22 e 23 de abril, a companhia canta «*Der Rosenkavalier*», consagrando triunfalmente Violante Montanha, a par do que tinha acontecido em Lisboa.

Já em Lisboa, Violante Montanha participa, em 31 de maio, numa audição de alunas/os da Madame Mantelli, no salão do Conservatório, com Lúcia Piedade, Paulo Amorim e Tomás Alcaide. Ema Santos Fonseca e Mabel Porter interpretam uma cena do poeta George Boyer e música do compositor francês Benjamin Godard (1849-1895)⁷⁴.

Acerca deste tipo de concertos, Luís de Freitas Branco assina no ano seguinte no *Diário de Lisboa* uma coluna, comentando que:

Todas as alunas da madame Mantelli nos deixaram boa impressão pela agradável qualidade das vozes e excelente método (...). Destacaremos, portanto, apenas as sr.^{as} D. Violante Montanha (...). Madame Mantelli teve chamada especial e foi muito aplaudida, devendo contar-se a sua audição deste ano como uma das mais felizes e das que melhor êxito alcançaram⁷⁵.

Em agosto, depois da audição, Violante Montanha dá três brilhantíssimos concertos no Salão Nobre do Casino Peninsular da Figueira da Foz⁷⁶ (Figura 13), onde é delirantemente ovacionada. Antes de rumar a terra estrangeira, como previa, submetese, ainda, ao *verdictum* da consagração do público no Funchal. Em outubro e novembro desse ano, como dissemos, dá três concertos, no Teatro Dr. Manuel de Arriaga, com Tomás Alcaide.

⁷² *Diário de Lisboa* (5 abr. 1924). Vejamos o Programa: 1.º Prelúdio dos «Mestres Cantores»; 2.º Idílio de Siegfried; 3.º Morte de Siegfried do «Crepúsculo dos Deuses»; 4.º Morte de Isolda do «Tristão e Isolda» (Isolda, María Llácer); 5.º Abertura de «Tanhauser».

⁷³ Após o incêndio de 1908 que destruiu o Real Teatro de São João, por completo, a sua reconstrução teve início em 1911, sendo inaugurado em 1920 como Teatro Nacional de São João.

⁷⁴ *Jornal dos Teatros* (25 mai. 1924, p. 2).

⁷⁵ *Diário de Lisboa* (12 jun. 1925, p. 2).

⁷⁶ Inaugurado em 2 de setembro de 1884, na rua da Concórdia (rua Bernardo Lopes, a partir de 1902), na Figueira da Foz, recebeu o nome de «Theatro-Circo Saraiva de Carvalho». É o mais antigo casino de toda a Península Ibérica. Em 1909 o edifício é arrendado ao francês Croisé D'Ancourt, dando lugar à Sociedade de Turismo Figueirense, Lda.

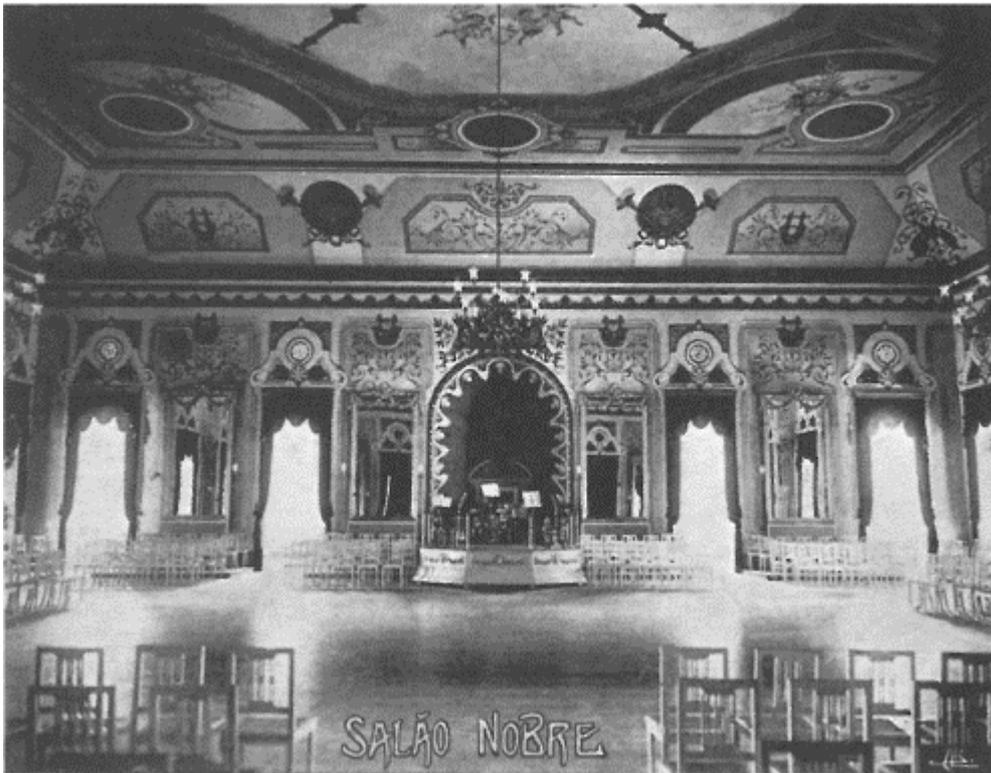


Figura 13. Salão Nobre do Casino Peninsular da Figueira da Foz (MOREAU, 2001, p. 19).

Eugenia Mantelli considera que Violante Montanha já tinha atingido um grau de maturidade suficiente para ingressar numa carreira no estrangeiro, decidindo que acompanharia a novel cantora a Itália no Verão de 1926 para, com a sua mediação, fazer a sua estreia além-fronteiras. Mas os planos ficaram contraditos com a morte de Eugenia Mantelli, em 2 de março 1926. Duas pessoas ainda a tentaram convencer a partir para Itália: a distinta amadora Maria Amélia Teixeira, que se propôs subsidiar-lhe os estudos, pela estima que lhe nutria e à sua família, e o próprio tenor Tomás Alcaide que lá já se encontrava⁷⁷. Mas a pressão familiar era demasiada. Os seus pais não concordavam com deslocação de Violante Montanha para Itália. Não tendo coragem para se desprender de Lisboa, Violante Montanha passa a estudar com Francesco Codivilla e com Laura Wake Marques.

O maestro Codivilla (Figura 14) é natural de Bolonha e formou-se no Liceu Musical de Bolonha. Teve aí por mestres Crescentini, no piano, Busi e o célebre

⁷⁷ Tomás Alcaide desafia Violante Montanha a seguir para Itália na Primavera de 1926, conforme carta que lhe dirige, a partir de Milão, em 30 de janeiro de 1926 (MOREAU, 1995). Os tempos em que ambos foram alunos de Madame Mantelli terão deixado entre si uma amizade marcada. No ano seguinte, Tomás Alcaide envia a Violante Montanha uma fotografia autografada, sua e da sua esposa Katharine Rich (Kate), enquanto estavam em Montarone, Itália (MOREAU, 2001, p. 30).

Martucci, na composição. Sob a direção do maestro Toscanini (1867-1957), trabalhou durante quatro anos seguidos, como maestro ensaiador, no *Teatro alla Scala*, de Milão. Esteve, posteriormente, quatro anos com Mascheroni e outros em Buenos Aires. Na Argentina, o maestro Goula reconheceu o talento especial de Codivilla para o ensino vocal, convidando-o para professor adjunto na escola de canto que o próprio fundara. Aí Codivilla pôde evidenciar, durante alguns anos, as suas poderosas faculdades de lecionista sério e consciencioso.

Na temporada de inverno de ópera italiana, no Teatro Solis, em Montevideu (Uruguai), que decorreu de 5 a 16 de agosto de 1905, vamos encontrar Codivilla como maestro de coros⁷⁸. Como ensaiador de coros, até 1906, Codivilla veio ao Teatro Nacional de São Carlos quatro vezes. Na primeira esteve sob a direção do maestro Campanini; no segundo e terceiro anos trabalhou com o maestro Lombardi e no último com Mancinelli. Todos os maestros foram unânimes em declarar que Codivilla reunia as condições precisas para a lecionação aperfeiçoada do canto, pelos mais modernos processos de ensino. Instalado em Lisboa, foi procurado por uma larga clientela de cantores, entre os quais, como dissemos, se destaca Violante Montanha.

Codivilla foi, mais tarde, dirigente do Teatro Nacional de São Carlos e, na década de 1940, já com cerca de 60 anos de idade, era professor de canto no próprio teatro. Acompanhava, ao piano de cauda, as/os suas/seus alunas/os, cantando as passagens musicais para demonstração⁷⁹.

⁷⁸ Salgado (2003, p. 292).

⁷⁹ Lambertini (15 mai. 1906)



Figura 14. Francesco Codivilla (LAMBERTINI, 15 mai. 1906).

Laura Wake Marques nasce em Lisboa, a 24 de agosto de 1879. É filha do musicólogo Joaquim José Marques, que foi o seu primeiro mestre. Foi aluna de Alexandre Rey-Colaço (1854-1928)⁸⁰, concluindo o curso de piano no Conservatório Nacional. Não se distinguiu como pianista, mas antes como cantora de concerto, em acompanhamento pianístico e em orquestra, frequentemente sob a direção de Joaquim Fernandes Fão (1878-1947) ou de Rui Coelho (1889-1986).

Por motivos de doença, Laura Wake Marques abandona a sua atividade concertística e dedica-se apenas ao ensino. Vem a óbito em 24 de fevereiro de 1957. É autora de algumas obras literárias e de composições musicais, em particular sobre poemas de Afonso Lopes Vieira⁸¹.

Por tudo o que se disse, com o grande sucesso que Violante Montanha alcançou no Teatro Nacional de São Carlos, parece que fica claro o motivo hipotético de A. F. ter destacado o nome da cantora⁸². Chama-lhe, porém, «aquela nossa patrícia»⁸³. Não estará A. F., seguramente, a apelidar Violante Montanha de aristocrata, nobre ou

⁸⁰ Pianista, compositor e professor dos príncipes D. Luís Filipe de Bragança e D. Manuel de Bragança. Em 1909 anunciava-se como professor de piano, com casa na rua Nova de São Francisco de Paula (atual rua Presidente Arriaga), n.º 48, em Lisboa.

⁸¹ Moreau (2005a, p. 498).

⁸² Ou terá sido, simplesmente, um gosto do compositor gráfico, uma vez que nas edições do *Diário de Notícias*, da Madeira, de 3, 26 e 29 de outubro, os nomes dos cantores surgem com igual tamanho de letra, apresentando-se primeiramente o de Violante Montanha, como é prática do meio.

⁸³ *Diário de Notícias*, da Madeira (25 out. 1924).

fidalga, mas antes ao facto de a cantora ser da mesma região que A. F.. Dessarte, afirma que a Madeira é a «sua terra natal», «terra que lhe foi berço e que ainda terá de orgulhar-se como de um dos seus mais ilustres filhos»⁸⁴. Mas A. F. está enganado. Apesar do grande sucesso que Violante Montanha alcançara até ao momento, não menor que o de Tomás Alcaide, a cantora é natural de Lisboa e terá ido viver para a Madeira com apenas cinco anos de idade. Mas está, sem dúvida, ligada de modo especial à história das gentes da própria ilha, pois foi na Madeira que cresceu e se tornou cantora.

Importa, agora, voltar ao anúncio do concerto (Figura 3) e perceber quem é Tomás Alcaide.

3. Tomás Alcaide

Tomás de Aquino Carmelo Alcaide nasce a 16 de fevereiro de 1901, às 21:45 horas⁸⁵, no n.º 20 do largo do D. José I⁸⁶, na freguesia de Santo André, da vila de Estremoz (Figura 15)⁸⁷. É filho de Roberto Maria Alcaide⁸⁸, natural da freguesia e concelho do Alandroal, e de Maria das Pedras Alvas Gomes Carmelo, nascida na freguesia de Santo André, em Estremoz, casados, desde 13 de abril de 1900, na igreja matriz da paróquia de Santo André, em Estremoz.

O seu pai, primeiro-sargento⁸⁹ do Regimento de Cavalaria n.º 3, de Estremoz, é filho de José Maria Alcaide e de Maria do Rosário. A sua mãe, sem profissão designada, é filha de Thomaz D'Aquino Carmelo, um comerciante estremocense proprietário da firma «Estanco Real»⁹⁰, e de Isabel das Dores Gomes. Tomás Alcaide é batizado pelo P.º Joaquim Maria Ribeiro da Silva⁹¹ na Igreja de Santo André⁹², em

⁸⁴ *Diário de Notícias*, da Madeira (25 out. 1924).

⁸⁵ Registo de batismo n.º 30.

⁸⁶ O largo do D. José I, após obras, foi renomeado, incluindo o atual largo dos Combatentes da Grande Guerra, onde se situa o n.º 20 que viu Tomás Alcaide nascer.

⁸⁷ A vila de Estremoz é elevada à categoria de cidade, em 31 de agosto de 1926, pelo Decreto do Governo n.º 12.227, por iniciativa de Santos Garcia, deputado pelo círculo de Évora, sendo Presidente do Ministério António Óscar de Fragoso Carmona, no 3.º Governo da II República.

⁸⁸ A última vez que Tomás Alcaide viu o seu pai terá sido em 7 de junho de 1940, quando este se foi despedir do filho, que partia no navio Angola para o Brasil.

⁸⁹ Tendo chegado, ao final da sua carreira militar, à patente de capitão.

⁹⁰ Ou «Depósito de Tabacos», como ainda era conhecida no início da década de 1960 (ALCAIDE, 1961, p. 26).

⁹¹ Em 5 de maio de 1872 encontramos Joaquim Maria Ribeiro da Silva na qualidade de pároco dos Olivais, em Lisboa. Em auto de colação e confirmação, com data provável entre 9 de setembro de 1875 e

Estremoz, em 8 de abril de 1901. São padrinhos Francisco José Gomes Carmelo, casado, e Thereza Augusta Gomes Carmelo⁹³. É irmão de Roberto Augusto Carmelo Alcaide (1903-1979)⁹⁴.



15 de dezembro de 1875, é dada a mercê do rei D. Luís, informando o arcebispo de Évora, D. José António Pereira Bilhano (1801-1890), da nomeação do presbítero para o priorado da igreja de Santo André, da vila de Estremoz, benefício que vagou por permuta que o último possuidor, Joaquim António Barradas (ADE, 2008). Pouco tempo depois, em 1878, será este sacerdote a ser o depositário dos objetos do espólio pertencente ao Convento de São João da Penitência (também conhecido por Convento das Religiosas Maltesas), em Estremoz, da Ordem de Malta, por parte da morte da última religiosa, D. Ana Guilhermina da Purificação, em 31 de maio de 1878. O município de Vila Nova de Gaia, no distrito do Porto, homenageou este sacerdote, atribuindo o seu nome a uma rua na freguesia de Arcozelo.

⁹² Edifício pertencente à Ordem de Avis, mandado restaurar por D. Pedro de Lencastre, Comendador-Mor de Avis, em 1725. Com a queda da abóbada em 1940, a Igreja de Santo André foi novamente restaurada em 1944, vindo a ser demolida em 1960 para aí se construir um edifício bancário (ADE, 2015). No local está instalado, atualmente, a Instância local – Secção de Competência Genérica do município de Estremoz do Tribunal Judicial da Comarca de Évora.

⁹³ Registo de batismo n.º 30.

⁹⁴ Roberto Alcaide, empregado de comércio, casou, em 1928, com Maria Palmira Osório de Castro Sande Meneses e Vasconcellos (1910-1992), poetisa conhecida por Maria de Santa Isabel. Viria a estabelecer-se por conta própria com um armazém de tabacos no largo General Graça, em Estremoz. Como autodidata, revelou-se um excelente pintor, caricaturista, maquetista, cenógrafo e dramaturgo.

Figura 15. Casa onde nasceu Tomás Alcaide. A – sem dada (MOREAU, 2001, p. 12). B – outubro de 2018 (AUTOR); C – abril de 2019 (AUTOR); D – abril de 2019 (AUTOR).

Tomás Alcaide fez o primeiro ano do liceu (1911-1912) em Évora por não ter conseguido entrar no Colégio Militar esse ano⁹⁵. No ano seguinte, em 7 de outubro, consegue ingressar no Colégio Militar, sob o número 236, concluindo aí, em 1918, o ensino secundário. Na sua autobiografia, Tomás Alcaide refere que «se muitos outros motivos eu não tivesse para venerar a memória de meu pai e estar-lhe profundamente grato por tudo aquilo que fez por mim, bastaria o simples facto de me ter mandado educar no Colégio Militar para eu lhe estar eternamente grato»⁹⁶.

Desde muito novo que Tomás Alcaide sentia uma enorme satisfação pelo teatro e pela música. Em casa do seu tio Francisco Gomes Carmelo passava horas esquecidas, durante as férias escolares, a escutar na sala sozinho trechos de ópera. Entre os que o deliciavam mais destaca «*Siciliana*», da «*Cavalleria Rusticana*», e a «*La donna è mobile*», do «*Rigoletto*», ambos cantados por Enrico Caruso (1873-1921). A meia voz procurava, ainda, imitar o cantor lírico.

Na festa de despedida promovida pelos alunos da 7.^a companhia do Colégio Militar, realizada na noite de 20 de março de 1920, apresenta-se a revista «Piparotes, Cartucheiras, Flatetes», um original de Alfredo Leite, Tomás Alcaide e Carlos Branquinho. Tomás Alcaide representa e canta e o êxito foi retumbante. Nessa mesma noite recebe várias sugestões, perante a atuação que acabara de realizar, para que fosse estudar canto, em virtude de ser uma pena não aproveitar as qualidades naturais que tinha para o teatro.

Saindo do Colégio Militar, Tomás Alcaide assenta praça, em 1920, como primeiro-sargento cadete no Regimento de Lanceiros n.º 2, em Belém, ocupando-se, também, como explicador num colégio em Pedrouços.

Vivia-se, então, em Portugal, um dos períodos conturbados da nação, numa história de grande violência em que foram mortas algumas das figuras emblemáticas da República, causando um enorme trauma no País⁹⁷. Uma das revoluções durante a I República, capitaneada pelo «Dente de Ouro» com a sua «camioneta-fantasma» conduz

⁹⁵ Colégio fundado em 1803, sob a designação de Colégio de Educação do Regimento de Artilharia da Corte, pela mão do Cor. António Teixeira Rebelo (1750-1825).

⁹⁶ Alcaide (1961, p. 30).

⁹⁷ Pinto (2010).

ao assassinato de António Granjo e de outros políticos republicanos conotados com o sidonismo. Todo este episódio de terror deixa Tomás Alcaide inquieto e a refletir na sua vocação. Parece-lhe, então, que a paixão pela carreira das armas não passava mais do que um reflexo do seu amor pelos cavalos.

Há muito que o seu tio Francisco José Gomes Carmelo, licenciado em Farmácia pela Universidade de Coimbra, casado com Adriana Carqueja, filha de um oficial do Regimento de Cavalaria n.º 3, estava estabelecido em Estremoz com uma farmácia na praça Luís de Camões⁹⁸ e desafiava Tomás Alcaide a cursar Medicina para exercer clínica naquela cidade. E assim fez.

No ano letivo de 1921-1922 vamos encontrar Tomás Alcaide na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa a fazer os preparatórios de Medicina, chegando a concluir três disciplinas em Lisboa (Botânica, Física e Zoologia). Para fugir à docência de Achiles Alfredo da Silveira Machado⁹⁹ (1882-1942), decide cursar a disciplina de Química na Universidade de Coimbra. No ano seguinte, matricula-se na Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa em três disciplinas, mas não chega a fazer nenhum exame final.

Enquanto está em Coimbra, Tomás Alcaide canta serenatas quase todas as noites e, em Lisboa, sucedem-se os convites para tomar parte em serões artísticos em casa de pessoas amigas, incluindo a sua terra natal.

Pouco tempo depois de ter regressado de Coimbra, o Orfeão Académico da Universidade dá umas récitas no Coliseu dos Recreios em Lisboa¹⁰⁰. Anunciava-se António Menano (1895-1969) como o ídolo do público, à época, para ouvir cantar fado. Menano viria a ser conhecido em todo o país, através dos numerosos discos que gravou. Só que Menano falta inexplicavelmente e um grupo de meia dúzia de estudantes de Coimbra arrasta Tomás Alcaide, que estava muito bem sentado na geral, para os bastidores. Ali troca de roupa e sucede que é levado ao palco para cantar alguns fados.

⁹⁸ Farmácia ainda atualmente existente nesse local, no número 39, sob a firma de Farmácia Godinho, da sociedade comercial Castro Peres, Unipessoal Limitada.

⁹⁹ Recorde-se que o início da carreira académica do professor Achiles Machado foi um pouco atribulado, no que se refere à sua relação com os estudantes, motivando acesas discussões pelo regime de avaliação que pretendia implementar e originando greves de alunos às avaliações. Porém, os resultados finais mostraram a vantagem do método seguido, com a aprovação de 50% dos alunos (CARVALHO e PIEDADE, 2001).

¹⁰⁰ Sala de espetáculos polivalente, situada na rua Portas de São Antão, 96, freguesia de Arroios, Lisboa, inaugurada em 14 de agosto de 1890, com a opereta «*Boccaccio*», de Franz von Suppé, interpretada pela companhia Caracciolo.

Muitas palmas e pedidos de «bis» terão vindo da plateia, sem que esta se tivesse apercebido bem do que tinha acontecido, e o espetáculo conclui-se em apoteose.

Certa vez, sabendo que o barítono Armando Saraiva, um dos atores-cantores que fazia parte da opereta, em três atos, «*Leiteira de Entre-Arroios*»¹⁰¹, que a Companhia Armando de Vasconcelos levava ao Teatro de São Luiz¹⁰², tinha sido militar, decidiu Tomás de Alcaide procura-lo para que se informasse e aconselhasse sobre a arte de cantar. Tal foi a empatia entre ambos que, no dia seguinte, Armando Saraiva o conduz a casa do maestro Alberto Sarti¹⁰³, para que ele lhe experimentasse a voz.

Natural de Livorno, Itália, Alberto Sarti (Figura 16) estudou no Conservatório de Florença. Começou a trabalhar como diretor de orquestra no Teatro Nacional de São João, em 1886. Estabelece-se em Lisboa, pouco depois, com intensa atividade até ao primeiro quartel do séc. XX, acompanhado da sua esposa. Atuava como compositor, pianista, maestro e professor de canto. Editou diversas composições ao estilo da Canção de Coimbra, com letras de José Coelho da Cunha e Vicente Arnoso.



Figura 16. Alberto Sarti (LAMBERTINI, 15 dez. 1906, p. 254).

¹⁰¹ Original de Penha Coutinho (1964-1937), de 1933, com música de Filipe Duarte, inspirada num conto de Júlio Diniz (PENHA, 1937).

¹⁰² Sito na rua António Maria Cardoso, em Lisboa, foi inaugurado em 22 de maio de 1894 sob a designação de Teatro Dona Amélia. Em 1910 toma a designação de Teatro da República. Em 16 de janeiro de 1916 é reformado, passando a chamar-se São Luiz Cine. O espaço é adquirido pela Câmara Municipal de Lisboa, em 1971, ficando conhecido por São Luiz Teatro Municipal.

¹⁰³ Sita na rua Castilho, n.º 34, 2.º, em Lisboa.

Em concertos, Alberto Sarti tocava piano com costumada proficiência e habituada mestria. Em 1898 já era referenciado como organizador de concertos de canto, de género histórico, em que eram cantadas por inteiro várias partituras ainda não ouvidas em Lisboa. Os concertos realizam-se no inverno desse ano no Teatro Nacional de São Carlos, acompanhados de orquestra, com a participação da sua distinta esposa, Madame Sarti. A organização dos concertos é desejada e aplaudidíssima por todos os professores e amadores de boa música¹⁰⁴. Em 1899 era indicado como «um dos nossos primeiros mestres de canto»¹⁰⁵.

Em 1906, está a dirigir a *Schola Cantorum*, instituição que se deve à sua tenacidade e orientação. Alberto Sarti dedica-se a uma propaganda salutar, nunca desmentida, que é quase sempre uma causa ingrata, «onde sossobra a maior parte das boas vontades e onde os melhores sacrifícios de abnegação se encontram quasi sempre perdidos»¹⁰⁶. O maestro Alberto Sarti é considerado um benemérito da arte musical. Concorreu para generalizar a educação individual da voz por forma levantada e merecedora dos maiores encómios e desenvolve um acentuado gosto pelas audições de música de canto.

Em 1911, encontramos-lo a ensaiar alguns amadores que entraram em coros populares das festas realizadas no Teatro Nacional de São Carlos. Alberto Sarti cultivava muito a canção popular portuguesa, apresentando as suas discípulas em pitorescos trajes regionais cantando as canções populares. Musica, por exemplo, os poemas «Sinos da Aldeia», «Campina Alentejana», «Canção do Lar» e «Canção do Passado» de Luthgarda Guimarães de Caires (1873-1935)¹⁰⁷. Algumas destas canções, de cunho naturalista (títulos e textos), da série «Scenas da aldeia», foram editadas pelo Salão Mozart, de Lisboa (por exemplo, «As Azenhas», «Sinos da Aldeia», «Canção da Lavadeira»).

O certo é que Alberto Sarti terá dito a Tomás Alcaide: «Não sei se você tem voz de barítono, de tenor ou de coisa nenhuma!»¹⁰⁸. Ainda assim, Tomás Alcaide inicia a frequência de aulas com o maestro, no primeiro semestre de 1921, e ao fim de três meses de lições já conseguia dar um dó sobreagudo. Contra a vontade do pai, mas

¹⁰⁴ Carvalho (2 ago. 1898, p. 4).

¹⁰⁵ Lambertini (15 mar. 1899, p. 39). Teve imensos discípulos, como, por exemplo, Paulo do Quental e Luiz Coruche.

¹⁰⁶ Lambertini (15 dez. 1906, p. 254).

¹⁰⁷ Dias (26 jun. 1911, p. 801).

¹⁰⁸ Alcaide (1961, p. 38).

gulosamente satisfeito com os aplausos que o embriagavam¹⁰⁹, Tomás Alcaide começa a pensar em abandonar o curso de Medicina.

Alberto Sarti parte, entretanto, para o Brasil sem nunca mais voltar e Tomás Alcaide começa a estudar canto, em outubro de 1921, com D. Francisco de Paula Portugal Sousa Coutinho, que encontrando no seu dileto aluno um órgão privilegiado, o dirigiu e ensinou com a sua enorme capacidade musical. No ano seguinte, em 30 de julho, encontramos Tomás Alcaide na primeira apresentação pública – em concerto – depois da do Colégio Militar, em Almada, interpretando as árias «*Recondita armonia*» da «*Tosca*» e «*Morena*» de Alberto Sarti.

D. Francisco de Sousa Coutinho (1867-1924)¹¹⁰ nasce em Lisboa. É filho do 3.º marquês de Borba, D. Fernando Luís de Sousa Coutinho de Castelo Branco e Meneses¹¹¹. Nesta família, «o gosto pela música, constituía uma espécie de hereditariedade¹¹²». Estreou-se no Teatro Nacional de São João, do Porto, em récita de amadores, interpretando o papel de «*Valentin*» da ópera «*Faust*». O sucesso obtido animou-o a aperfeiçoar-se na arte do canto, tendo partido para Itália, a conselho do compositor, tenor e violoncelista Alfredo Cipriano Gazul (1844-1908)¹¹³.

D. Francisco de Sousa Coutinho (Figura 17) era conhecido na vida boémia lisboeta por Chico Redondo, «o que bem se adaptava à sua alta linhagem, dos Condes de Redondo e Marqueses de Borba, e igualmente à sua figura, pois pesava cento e vinte

¹⁰⁹ Na sua autobiografia, Tomás Alcaide vem a considerar que «os aplausos são incentivos e não um prémio» (ALCAIDE, 1961, p. 271).

¹¹⁰ Tomás Alcaide equivoca-se na data da morte de D. Francisco de Sousa Coutinho, indicando 13 de abril de 1927 (ALCAIDE, 1961, p. 42). Sousa Coutinho terá falecido a 13 de agosto de 1924 (PORTUGAL-DICIONÁRIO HISTÓRICO, 2016) ou, mais seguramente, em 14 de agosto desse ano (DPCCML-NT, 2018). A freguesia de Alvalade atribuiu o seu nome a uma das suas ruas, por sugestão de Durval Pires de Lima, membro da Comissão Municipal de Toponímia, a partir da publicação do Edital municipal de 20 de outubro de 1955.

¹¹¹ Oficial-mor da Casa Real, vedor da infanta D. Isabel Maria, par do reino e vogal da Junta do Crédito Público. Dedicou-se à música tendo sido membro do Conselho Musical e fundador da Academia de Amadores de Música, fundada em 1884 (D GARQ, 2008).

¹¹² Vieira (1900).

¹¹³ Natural de Lisboa, Alfredo Gazul é neto de José Gazul, trompetista do Teatro Nacional de São Carlos, filho de José Gazul, flautista do Teatro Nacional de São Carlos e na Real Câmara e na Sé Patriarcal e primo do compositor dramático e maestro Francisco de Freitas Gazul (1842-1925), autor da partitura para a versão operática do drama «Frei Luís de Sousa» de Almeida Garrett (1799-1854). Desde muito jovem assumiu a posição de primeiro violino do Teatro Nacional de São Carlos. No início da década de 1870, deslocou-se a Itália no sentido de desenvolver o seu talento vocal. Regressado a Portugal, integrou o elenco do Teatro Nacional de São Carlos na temporada de 1879-1880, terminando a sua carreira lírica, supostamente por razões de saúde (LOURENÇO; FERNANDES, 2018).

quilos ou talvez mais...»¹¹⁴. Chico Redondo possuía uma belíssima voz de barítono. Supostamente, o tenor italiano Francesco Tamagno (1850-1905) tê-la-á classificado da «mais potente do seu tempo»¹¹⁵. O seu maior triunfo, incontestavelmente, foi a interpretação de «*Sir John Falstaff*», na ópera cómica «*Falstaff*» de Verdi, assombrando inúmeras plateias, nacionais e estrangeiras.

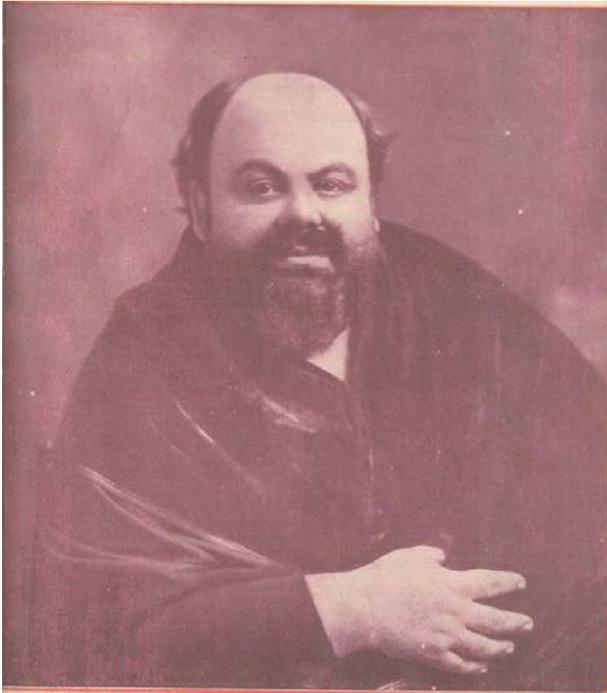


Figura 17. D. Francisco de Sousa Coutinho (DIAS, dez 1906, p. 575).

A recíproca simpatia que Tomás Alcaide e D. Francisco de Sousa Coutinho sentiram, assim que se conheceram, transformou-se rapidamente em grande amizade. Para sua surpresa, dois anos depois o seu professor foi vítima de doença mental, incapacitando-o para a vida de relação, morrendo passado algum tempo.

A primeira apresentação pública de Tomás Alcaide em Estremoz terá sido numa récita de beneficência realizada no Teatro Bernardim Ribeiro¹¹⁶, em 1 de abril de 1923, pouco tempo depois da sua inauguração, acompanhado ao piano por Justina Bairrão¹¹⁷.

¹¹⁴ Santos (set-dez 1970, p. 114). Chico Redondo morava ao cimo da rua do Ataíde, freguesia da Misericórdia, em Lisboa, num modesto primeiro andar.

¹¹⁵ Santos (set-dez 1970, p. 114).

¹¹⁶ O teatro foi inaugurado em 22 de julho de 1922, com a presença da Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro (1898-1990). O projeto é da autoria de Ernesto da Maia e as pinturas decorativas são do pintor Benvindo Ceia (ME, 2019).

¹¹⁷ Desta récita não resta qualquer memória documental no arquivo municipal de Estremoz.

E foi precisamente neste concerto que veio a surgir o início da mudança da sua vida. A pianista, entusiasmada com a voz de Tomás Alcaide, oferece-se para apresentar a sua prima Clemência Dupin de Seabra (1873-1936)¹¹⁸, empresária que muito gostava de ajudar artistas.

Em 10 de junho desse ano, apresenta-se no Clube Estefânia, num concerto que terá sido, provavelmente, a sua primeira apresentação em Lisboa¹¹⁹:

É justo destacar o tenor Sr. Tomás Alcaide, discípulo de D. Francisco Redondo, num trecho da Tosca, que cantou de modo a merecer dos espectadores retumbantes aplausos¹²⁰.

Estando alguns meses sem professor de canto, cedendo a instigações de conhecidos, Tomás Alcaide decide-se por recomeçar, ainda em 1923, os estudos de canto com Eugenia Mantelli, ainda que inicialmente lhe custasse a adaptação à nova professora¹²¹. Descobre, rapidamente, que Madame Mantelli era bastante competente, sobretudo a ensinar interpretação. Tomás Alcaide começa a fazer repertório de óperas, entre as quais o «*Faust*». Em 12 e 19 de janeiro de 1924, canta no Clube Estefânia os 1.º, 3.º e 4.º atos de «*La Bohème*»¹²², interpretando «*Rodolfo, poeta*» (Figura 18), oportunidade para contracenar com Violante Montanha, no papel de «*Mimi*», o soprano Lúcia da Piedade, no papel de «*Musetta*», o barítono Carlos Orrico, no papel de «*Marcello*», o barítono José Cabral, no papel de «*Schaunard*» e o baixo Manuel Mergulhão¹²³, no papel de «*Colline*», sob a direção de D. Henrique de Alarcão.

¹¹⁸ Natural de Abrantes, é filha de Dominique Dupin e de Jacinta Cordeiro. Foi a primeira mulher divorciada em Portugal, ao abrigo da Lei do Divórcio, promulgada em 3 de novembro de 1910. Destacou-se como empresária do setor madeireiro com interesses em Portugal e Espanha.

¹¹⁹ Cf. Moreau (2001, p. 25).

¹²⁰ *O Século* (12 jun. 1923).

¹²¹ À data, Tomás Alcaide vivia na rua de Buenos Aires, freguesia da Lapa, em Lisboa.

¹²² O segundo ato não se terá cantado pelas dificuldades de encenação e, sobretudo, pela inexistência de coros.

¹²³ Em 28 de agosto de 1948, Tomás Alcaide, que ao tempo vivia na avenida Valadim (atual rua tenente Valadim, freguesia dos Prazeres), n.º 361, em Lisboa, escreve ao maestro Mário de Sampaio Ribeiro (1898-1966), dando-lhe inúmeras informações biográficas sobre o cantor lírico amador Manuel Mergulhão. Na carta indica que a primeira referência que encontrou relativa ao cantor data de 4 de junho de 1923, num concerto no Teatro de São Luiz, em homenagem ao barítono Luiz Macieira, em que participaram vários líricos amadores, quase todos alunos de Eugenia Mantelli. Manuel Mergulhão terá cantado a ária «*Ella giammai m'amò*», da ópera «*Don Carlo*» de Verdi. Tomás de Alcaide refere, no sucessivo, que foi precisamente em 12 de janeiro de 1924 que Manuel Mergulhão, pela primeira vez, cantou em público uma ópera (quase completa, porque lhe faltara o segundo ato) – «*La Bohème*», no Clube Estefânia, récita esta que marca a sua estreia e a do próprio signatário da carta como amadores. Mergulhão sempre primara em cantar absolutamente de modo gratuito (ALCAIDE, 28 ago. 1948).



Figura 18. Tomás Alcaide na sua primeira interpretação operática em «*La Bohème*», no papel de «*Rodolfo*», Clube Estefânia, em Lisboa, janeiro de 1924 (MOREAU, 2001, p. 17).

No *Diário de Notícias*, de Lisboa, em 25 de janeiro de 1924, escreve-se:

Nos homens, o primeiro lugar pertence, sem dúvida, ao tenor Sr. Tomás Alcaide, que possui uma esplêndida voz, sabendo modelá-la em todos os registos, como se tivesse uma larga prática do teatro, dando a toda a personagem uma boa interpretação, sobretudo no 1.º ato, onde teve frases dum alto valor artístico.

Tomás Alcaide pisa, pela primeira vez, o palco do Teatro Nacional de São Carlos em 9 de fevereiro de 1924, para no papel de «*Lord Arthur Bucklaw*» interpretar a ópera trágica, em três atos «*Luica Di Lammermoor*», de Gaetano Donizetti (1797-1848), com Cacilda Ortigão, Maria Nicolini («*Alisa*»), Angelo Bisagni («*Edgardo*»), Carmello Maugeri, Carlo Argentinin e Antonio Prati («*Normanno*»), sob a direção de Giuseppe Antonicelli. Em 3 de março de 1924, canta o primeiro ato de «*La Bohème*», no papel de «*Rodolfo, poeta*». Contracena, como se disse, com Violante Montanha («*Mimi*»), Gino Lussardi («*Marcello*»), Nicola Rabowsky («*Schaunard*»), Enrico Contini («*Colline*») e Cesare Spadani («*Benoît*»). Canta depois, em vista da carinhosa recepção que lhe fizera o público e a crítica, o «*Rigoletto*», tendo de bisar a célebre «*La donna è mobile*» por

entre vibrantes e ininterruptos aplausos. A representação repete-se no dia 4 de março, com o mesmo programa e elenco.

O Sr. Tomás Alcaide possui uma voz de magnífico timbre, com emissão facílima dos agudos, passagem fácil de um para outro registo, lembrando ao longe qualquer coisa de parecido com a voz do grande Masini.

É uma voz que encanta. Apenas tem pouco volume¹²⁴ e parece-nos que, estando a sangue-frio e fora da emoção de uma estreia, a voz ostentará maior brilho e poder. A sua parte de «Rodolfo» foi bem desempenhada e isso constitui um título de glória por ser uma parte difícil, que tantas vezes tem de subir muito. É natural que fora das emoções de uma estreia, em uma plateia de tão lendárias exigências como a de S. Carlos, o seu magnífico órgão vocal, cada vez mais melhorado pelas lições dos bons centros, o torne digno da fama de bom cantor¹²⁵.

No dia 21 de abril realiza-se o festival artístico organizado pela Tuna Académica de Lisboa, em honra dos estudantes portugueses, no *Teatro Español*¹²⁶ de Madrid, Espanha. Nele vamos encontrar Tomás Alcaide. Na qualidade de estudante do curso de Medicina, acompanhara a excursão académica que esse ano foi tão carinhosamente recebida na capital espanhola. O artista interpreta «*Questa o quella*» e «*La donna è mobile*», da ópera «*Rigoletto*», e «*Che gelida manina*», da ópera «*La Bohème*», como solista, e outras peças como corista, acompanhado pelo pianista Frederico de Freitas (1902-1980). O festival terá sido agradabilíssimo, desenvolvendo-se num ambiente de franca cordialidade hispano-portuguesa¹²⁷.

O sarau repete-se no dia 25 desse mês, às 22:30 horas, com Tomás Alcaide a cantar «*Recondida armonia*», da ópera «*Tosca*», e «*Che gelida manina*» (Figura 19). O periódico *ABC*, no dia seguinte, comenta a este propósito:

El tenor D. Tomás Alcaide cantó con exquisito gusto y derrochando su agradable y extensa voz, «Recóndita armonía», de Tosca y «Che gelida manina», de Boheme, y obligado por los entusiásticos e insistentes aplausos del público, «La donna e mobile» de Rigoletto y el «Adiós a la vida» de Tosca, reproduciéndose las aclamaciones.

¹²⁴ E terá sido precisamente este aspeto – do pouco volume que a sua voz ainda tinha – que o empresário Poli lhe terá apontado na audição para o papel de tenor da ópera de «*Mignon*», de Ambroise Thomas (1811-1896), e para o qual haveria de ser selecionado para cantar seis récitas a partir de 5 de dezembro de 1925 e ainda mais outras quatro (ALCAIDE, 1961, p. 56).

¹²⁵ *A Época* (4 mar. 1924, *apud* MOREAU, 2001, p. 26).

¹²⁶ A origem deste teatro remonta a 1565, quando Filipe IV e o Conselho de Castela outorgaram autorização para a criação da Confraria da Sagrada Paixão com o privilégio de manter um lugar onde representar comédias e dedicar uma percentagem da receita para os seus fins caritativos. O novo teatro é construído em 1745. Em 1895 abriu após a reforma que recebera, tendo sido nesse estado que Tomás Alcaide o terá encontrado (MDCTN, 2018).

¹²⁷ *ABC* (26 abr. 1924, p. 23).

*El tenor Sr. Alcaide, en un acto gentil, dedicó sus cantos a la señorita Rosario Pintado Carranza*¹²⁸.



Figura 19. Programa do espetáculo realizado no *Teatro Español* (MOREAU, 2001, p. 17).

Ainda *O Século*, na edição do dia seguinte desse ano, a respeito de Tomás Alcaide diz:

¹²⁸ *ABC* (26 abr. 1924, p. 24). Rosario Pintado Carranza é irmã de María del Carmen Carranza e filha de Francisco Pintado Delgado e de Carmen Carranza, uma família madrilenha (RUBIO e BENEDICTO, 2005).

A figura primacial na realização do «Rigoletto» foi sem dúvida a do jovem tenor Tomás Alcaide que se encarregou da difícil parte do «Duque de Mantua», alcançando um dos maiores triunfos líricos da temporada¹²⁹.

Regressado a Lisboa (Figura 20), volta ao Teatro Nacional de São Carlos para, em 26 de maio, cantar o seu primeiro «Rigoletto»¹³⁰, numa festa artística do barítono Luís Macieira, em que se encarregou do papel titular, contracenando com Raquel Bastos, Elvira Loureiro, Rosa Costa («Giovanna»), o próprio Luís Macieira, Manuel Mergulhão, Alberto Martins («Monterone»), João Dias Pombo («Borsa»), e Gabriel Prata («Marullo»), sob a orientação do maestro Alfredo Mântua¹³¹ (Figura 21).



Figura 20. Tomás Alcaide, em Lisboa, 1924 (MOREAU, 2001, p. 17).

A crítica comenta que:

O Sr. Tomás Alcaide, a quem o excepcionalíssimo timbre da sua prodigiosa voz reserva um brilhante futuro, cantou lindamente a parte de «Duque de Mântua» fazendo fortíssima colheita de aplausos. Muito bem cantada a balada do 1.º ato, notabilizou-se, porém, no «La donna è mobile», que tanto se prestou à sua maravilhosa voz, trecho que foi obrigado a bisar com aplauso geral, por uma forma verdadeiramente bela, terminando a última «reprise» da canção por um lindo e

¹²⁹ *O Século* (26 mai. 1924).

¹³⁰ O traje que Tomás Alcaide usou no papel de «Duque de Mantua», da ópera «Rigoletto», composto por oito peças, encontra-se exposto Museu Nacional do Traje (Cfr. WWW:<URL: <http://purl.pt/104/1/iconografia/086.html>>).

¹³¹ Alfredo Mântua regeu a Tuna da Escola Politécnica de Lisboa, entre 1907 e 1913 e a Grande Tuna Feminina e compôs várias peças (e.g., *A Canção do Sul* de 1930) (CARVALHO, 1903).

Bonito, J. (2019). Violante Montanha e Tomás Alcaide: Um apontamento sobre os concertos no Funchal em 1924. *Isleña*, 64, 59-106. [ISSN 0872-5004]

límpido si natural enormemente prolongado, mostrando a amplidão do seu enorme «fiato»¹³².

Em qualquer outro país seria o próprio Estado que o estimularia a estudar e seguir carreira. Em Portugal nem se pensa nisso¹³³.



Figura 21. Tomás Alcaide na ópera «*Rigoletto*», em maio de 1924 (MOREAU, 2001, p. 18).

¹³² O diafragma de Tomás Alcaide é um dos seus maiores trunfos – um fôlego extraordinário, que lhe consentia um grande à vontade no canto *legato* ou *sostenuto*, e facilitava a sua natural disposição para *smorzare*.

¹³³ *A Época* (26 mai. 1924, *apud* MOREAU, 2001, p. 145).

Em 31 de maio, Tomás Alcaide canta no Conservatório Nacional, num concerto de alunos de Madame Mantelli, interpreta o 1.º ato de «*Madama Butterfly*», com Violante Montanha, «*La donna è mobile*» («*Rigoletto*») e o quarteto de «*La Bohème*», com Violante Montanha, Lúcia Piedade e Paulo Amorim. No mês de junho, dia 16, volta a cantar com a Tuna Académica de Lisboa, no Coliseu dos Recreios de Lisboa¹³⁴. Em julho, cita-se o concerto do dia 17, num espetáculo no Eden Clube de Pedrouços, com «*Spirto gentil*» («*La Favorite*»), «*Che gelida manina*» («*La Bohème*»), e «*Questa o quella*» e «*La donna è mobile*» («*Rigoletto*»). O do Casino da Figueira da Foz, com Violante Montanha, ocorre em 11 de agosto e um sarau com Raquel Bastos e Armando Saraiva, em 3 de outubro, no Grande Salão Recreio do Povo, de Setúbal, com o objetivo de angariar fundos para a construção do monumento aos soldados setubalenses mortos na I Guerra Mundial.

No final de outubro, como já se sabe, ruma ao Funchal, dando três concertos com Violante Montanha, provavelmente sob o amparo de Madame Mantelli, nos dias 26 e 30 de outubro e 1 de novembro.

Voltemos, agora, ao nosso anúncio do concerto (Figura 3) e vejamos como a crítica viu estes concertos.

4. Programa dos concertos

O programa do concerto do dia 26 de outubro, divulgado na imprensa local, é considerado um dos melhores a que a Madeira tem assistido¹³⁵ e contempla três partes¹³⁶ (Figura 22).

¹³⁴ Tomás Alcaide virá a cantar pela primeira vez como profissional em Lisboa, no Coliseu dos Recreios, em 25 de abril de 1929, com a ópera «*Rigoletto*», contracenando com o soprano Lina Pagliughi e o barítono Leo Parigi, sob a direção musical de Angelo Ferrari. Nesse mesmo ano, ainda no Coliseu, Tomás Alcaide faz uma récita extraordinária, em 2 de maio, com a ópera «*Bohème*», no papel de «*Rodolfo*», juntamente com a estreia do soprano Pola Pueker («*Mimi*») e do baixo Vittorio Pistolese («*Colline*»). Inaugurada em 14 de agosto de 1890, o artista considera ser esta a maior sala de espetáculos onde cantou em toda a sua vida (ALCAIDE, 1961, p. 82). Em 1 de março de 1930, Tomás Alcaide estreia-se no *Teatro alla Scala*, em Itália, no papel de *Mascarille*, da comédia, em um único ato, *Les Précieuses ridicules*, obra do dramaturgo francês Molière (1622-1673), com libreto de Arturo Rossato, musicada pelo compositor italiano Felice Lattuada (1882-1962), cuja estreia neste teatro acontecera precisamente cerca de um ano antes (9 de fevereiro de 1929). O sucesso do artista neste teatro foi de tal dimensão que por três anos consecutivos se manteve no *Scala*.

¹³⁵ *Jornal da Madeira* (26 out. 1924).

¹³⁶ *Diário de Notícias*, da Madeira (25 out. 1924).



Figura 22. Programa do concerto lírico de Violante Montanha e Tomás Alcaide, realizado em 26 de outubro de 1924 (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, DA MADEIRA, 25 out. 1924).

A primeira parte inclui obras dos compositores italianos Giuseppe Verdi (1813-1901), Giacomo Puccini (1858-1924) e Pietro Mascagni (1863-1945) e dos franceses Georges Bizet (1838-1875) e Jules Massenet (1842-1912). O tenor abre o concerto, com uma «Siciliana» - «O Lola c'hai di latti la camisa» -, cantada por «Turiddu», da ópera, em um único ato, «Cavalleria rusticana»¹³⁷, de Mascagni, levada ao palco pela primeira

¹³⁷ O nome da ópera «Cavalleria Rusticana» surge, no programa, com a tradução de «Cavallaria Rusticana», caso comum à época (Cfr. SILVA, 1914, p. 139).

vez em 1890. Segue-se a atuação de Violante Montanha, com a ária «*Io dico, no, non son paurosa*», no papel de «*Micaëla*», da ópera, em quatro atos, «*Carmen*», de Bizet, estreada em 1875. Tomás Alcaide retoma a interpretação, no papel de «*Il Duca di Mantova*», cantando «*Questa o quella*» do primeiro ato da ópera «*Rigoletto*» (1851), de Verdi. Na continuação, Violante Montanha volta ao palco para, na qualidade de «*Manon Lescaut*», interpretar «*Or via Manon*» do primeiro ato da ópera «*Manon*» (1884), de Massenet. Encerra-se esta parte com o dueto do primeiro ato da ópera «*Tosca*» (1900), de Puccini: Tomás Alcaide no papel de «*Mario Cavaradossi*» e Violante Montanha como «*Floria Tosca*».

A segunda parte socorre-se de obras do compositor italiano Alberto Sarti (1858-19??) e do português José Vianna da Mota (1868-1948). Violante Montanha abre com «*As amendoeiras*»¹³⁸ («*Que lindas, como estão lindas*») seguidas das «*Papoulas*» («*Rubras centelhas*») de Alberto Sarti. Segue-se o «*Canto do Rouxinol*» («*Rouxinol que tanto cantas*»), do mesmo autor, interpretado por Tomás Alcaide. A cantora encerra a segunda parte do concerto com «*Olhos Negros*», de Viana da Mota e «*As Cotovias*»¹³⁹ («*Cotovia, cotovia*») de Alberto Sarti.

Na última parte, Tomás Alcaide abre com a ária «*Spirto Gentil*», da ópera «*Favorita*» do italiano Gaetano Donizetti (1797-1848), seguindo-se obras de Puccini («*Bohème*» e «*Tosca*») e do italiano Arrigo Boito (1842-1918) («*Mefistofele*»), alternando interpretações do soprano com as do tenor. O concerto encerra com o dueto final do primeiro ato da ópera «*Madama Butterfly*», de Puccini. Ao piano esteve William Böhm.

O programa completo surge também publicado no *Jornal da Madeira*¹⁴⁰ (Figura 23) ainda que revestido de algumas gralhas¹⁴¹, anunciando o concerto para as 21 horas, com a presença de «dois distintos artistas amadores que, na passada época do Teatro Nacional de São Carlos, desempenharam importantes papéis, em conjunto com uma

¹³⁸ Letra de José Coelho da Cunha (ca. 1917-1920), Lisboa, com a função inicial de serão artístico / teatro.

¹³⁹ Letra de José Coelho da Cunha, Lisboa, com a função inicial de serão artístico / teatro.

¹⁴⁰ *Jornal da Madeira* (25 out. 1924, p. 2).

¹⁴¹ Parece pouco rigoroso o cuidado que se colocou na composição gráfica dos periódicos para evitar gralhas e omissões. Veja-se o caso de «*Mefistofles*» em vez de «*Mefistofele*»; «*Io no son paurosa*» em vez de «*Io dico no, non son paurosa*»; «*E lucevan le Stella*» em vez de «*E lucevan le Stelle*»; «*Ária della prigionie*» em vez de «*Scena della prigionie*»; «*Madame Butterfly*» em vez de «*Madama Butterfly*»; «*Papoulas*» em vez de «*Papouilas*».

companhia lírica italiana, merecendo rasgados elogios de toda a imprensa da capital»¹⁴² pelos «triumfos alcançados em S. Carlos e outros palcos e salões»¹⁴³.

1. ^a PARTE		
a)	<i>Siciliana</i> op. C. Rusticana	MASCAGNI
	pelo tenor sr. Tomaz Alcaide	
b)	<i>Io non son paurosa</i> op. Carmen	BIZET
	Pelo soprano D. Violante Montanha	
c)	<i>Questa o quella</i> op. Rigoletto	VERDI
	pelo sr. Tomaz Alcaide	
d)	<i>Or via Manon</i> op. Manon	MASSENET
	por D. Violante Montanha	
e)	<i>Dueto do 1.^o acto da opera Tosca</i>	PUCCINI
	por D. Violante Montanha e sr. Tomaz Alcaide	
2. ^a PARTE		
a)	<i>As Amendoeiras</i>	SARTI
	<i>Papoilas</i>	»
	por D. Violante Montanha	
b)	<i>Rouxinol</i>	SARTI
	por Tomaz Alcaide	
c)	<i>Olhos negros</i>	V. DA MOTA
	<i>Cotovias</i>	SARTI
	por D. Violante Montanha	
		3. ^a PARTE
a)	<i>Spirto Gentil</i> op. Favorita	DONIZETI
	pelo sr. Tomaz Alcaide	
b)	<i>Addio de Mimi</i> op. Boheme	PUCCINI
	por D. Violante Montanha	
c)	<i>E lucevan le Stella</i> op. Tosca	PUCCINI
	pelo sr. Tomaz Alcaide	
d)	<i>Aria della prigionie</i> op. Mefistofles	BOITO
	por D. Violante Montanha	
e)	<i>Dueto final do 1.^o acto da opera Madame Butterfly</i>	PUCCINI
	por D. Violante Montanha e sr. Tomaz Alcaide	

Figura 23. Programa do concerto lírico de Violante Montanha e Tomás Alcaide, realizado em 26 de outubro de 1924 (JORNAL DA MADEIRA, 25 out. 1924).

Os três concertos líricos de Violante Montanha e de Tomás Alcaide estavam anunciados, no *Jornal da Madeira*¹⁴⁴, para os dias 26, 28 e 30 de outubro de 1924, enquanto o *Diário de Notícias*, da Madeira, indicava, apenas, a data do primeiro concerto. Este havia de realizar-se, de facto, a 26 de outubro (domingo). Dois dias depois, o *Diário de Notícias*, da Madeira, anuncia que, em virtude do grande êxito

¹⁴² *Diário de Notícias*, da Madeira (25 out. 1924, p. 1).

¹⁴³ *Jornal da Madeira* (26 out. 1924, p. 5).

¹⁴⁴ *Jornal da Madeira* (24 set. 1924) e *Jornal da Madeira* (3 out. 1924).

obtido no concerto lírico de 26 de outubro, «os distintos artistas D. Violante Montanha e Tomás Alcaide (...) decidiram dar mais um concerto», no dia 30 de outubro (quinta-feira), com um programa diferente¹⁴⁵. A confusão de datas gera-se com o anúncio no *Jornal da Madeira*¹⁴⁶, e explica-se pela incerteza que havia na realização dos demais concertos, que o próprio periódico assume ao publicar que: «(...) vão dar uma série de 3 concertos, provavelmente nos dias 26, 28 e 30 de outubro, no Teatro Funchalense»¹⁴⁷.

A. F. consegue elaborar, e publicar no dia de 25 de outubro, uma coluna biográfica sobre os cantores. Recorda, como vimos, o primeiro contacto que teve com Violante Montanha, num sarau de caridade no Teatro Dr. Manuel de Arriga e toda a sua evolução técnica e vocal até ao *debut* no Teatro Nacional de São Carlos, cantando com o tenor Tomás Alcaide, o primeiro ato da «*Bohème*». Mas acerca de Tomás Alcaide as palavras não são menos elogiosas. Destaca alguns *mile stones* do seu percurso de aprendizagem e representações de sucesso realizadas em Portugal e Espanha. Tal facto não constituiu uma surpresa para si. A. F. terá assistido, poucas semanas antes, a três concertos em Madrid em que tomou parte Tomás Alcaide, tendo o prazer de constatar a admiração e o carinho com que ele fora recebido na capital espanhola. Nesses concertos – dois no Teatro Espanhol e o terceiro no salão do Conservatório de Madrid¹⁴⁸, com a assistência das figuras máximas do meio musical de Espanha, o cantor foi alvo de manifestações entusiásticas, verdadeiramente delirantes. O diretor do Conservatório, D. Antonio Borrás, terá ido pessoalmente ao camarim de Tomás Alcaide apresentar-lhe os cumprimentos e felicitá-lo calorosamente.

No «*Il Duca di Mantova*», em «*Rigoletto*», Tomás Alcaide foi o artista primoroso de sempre. Desde a sua entrada no primeiro ato com a «*Ballata*», «*Questa o quella*», até à encantadora canção «*La donna è mobile*», bisada no meio de uma formidável ovação, o eminente tenor manteve uma linha artística absolutamente impecável e digna de um louvor sem reserva.

¹⁴⁵ *Diário de Notícias*, da Madeira (28 out. 1924).

¹⁴⁶ *Jornal da Madeira* (3 out. 1924).

¹⁴⁷ *Jornal da Madeira* (24 set. 1924).

¹⁴⁸ Na pesquisa efetuada não foi possível localizar num friso cronológico os três concertos a que A. F. terá assistido poucas semanas antes dos concertos do Funchal, referidos por si na crítica musical no *Diário de Notícias*, da Madeira, de 25 de outubro de 1924, mas somente os dois saraus realizados em 21 e 25 de abril no *Teatro Español*, já mencionados. Talvez A. F. tivesse confundido semanas com meses e, a ser assim, estaria a referir-se aos concertos Madrid seis meses antes da sua crónica. Ainda assim, fica por localizar o «terceiro concerto».

Explica-se, assim, porque A. F. vaticinava uma noite deliciosa de arte com o concerto de Violante Montanha e Tomás Alcaide, «tanto mais para avidamente ser desejada quanto é certo que um dos cantores é filho desta terra que, uma vez mais, desmentirá, com a sua gentileza e consagração, o velho adágio de que ‘ninguém é profeta na sua terra’»¹⁴⁹. É grande o entusiasmo madeirense para estes concertos. De facto, não vá alguma alma estar ainda alheada do assunto, o *Diário de Notícias*, da Madeira, volta a recordar, no próprio dia, o primeiro concerto¹⁵⁰. Conforme prometido nesta edição de terça-feira do *Diário de Notícias*, da Madeira¹⁵¹, A. F. elabora a sua crítica ao concerto do domingo, publicada no dia seguinte no mesmo jornal¹⁵².

A. F. inicia por validar as suas referências que havia elaborado há três dias acerca dos dois ilustres *virtuosi*. Considera que o concerto do dia 26 de outubro foi, efetivamente, de um «extraordinário êxito», tendo o «sucesso duma audição de artistas»¹⁵³. Recorda, porém, o velho prólogo que escrevera na crónica do dia 25 de outubro – *nemo est profeta in patria* – que esperava ver desmentido e que, infelizmente se enganara. Apesar de ter sido uma noite deliciosa de arte, havia bastantes lugares por preencher na plateia e nos camarotes de segunda ordem. «A casa estava regular e a assistência era escolhida»¹⁵⁴.

Valeu o facto de o público que acariciou os cantores ser entendedor e verdadeiramente amador de música, pois «pela forma quente, intensamente vibrante com que os aplaudiu, os consagrou em definitivo na sua estima e admiração, aliás imensamente bem merecida»¹⁵⁵. Os esplendorosos números do programa foram brindados com um religioso silêncio, apenas quebrado pelo indigesto cavaquear de algum espectador impertinente.

A. F. congratula-se com a qualidade do programa, por este ter incluído canções portuguesas, facto que não ocorria nas atuações passadas dos melhores artistas

¹⁴⁹ *Diário de Notícias*, da Madeira (25 out. 1924, p. 2). Recorde-se que Violante Montanha é natural de Lisboa. Pode ser que A. F. desconheça esse facto ou queira engradecer a educação artística que a Madeira proporcionou a Violante Montanha, dando-lhe a oportunidade de desenvolver o potencial que tinha e consagrar-se, em pouco tempo, como uma grande artista lírica no Teatro Nacional de São Carlos.

¹⁵⁰ *Diário de Notícias*, da Madeira (26 out. 1924).

¹⁵¹ *Diário de Notícias*, da Madeira (28 out. 1924).

¹⁵² *Diário de Notícias*, da Madeira (29 out. 1924).

¹⁵³ *Jornal da Madeira* (28 out. 1924).

¹⁵⁴ *Jornal da Madeira* (28 out. 1924).

¹⁵⁵ *Diário de Notícias*, da Madeira (29 out. 1924).

portugueses. O crítico considera, todavia, que havia alguma razão nessa escolha. Oiçamo-lo pelo seu interesse:

Se abundava a quantidade dessas canções, a sua qualidade deixava muito a desejar para audições de arte. O mesmo público, que achava próprios e tanto apreciava esses nossos cantares populares na revista e na opereta, onde conservaram a primitiva forma, ou ligeiramente esta se modificou, não podia, pela banalidade da maioria dos temas, tolerá-las em audições de cantos sérios.

Por sua vez os executantes, se não se julgavam deprimidos, tampouco se sentiam à vontade quanto tinham que cantar aquelas vulgaridades, para que se tornavam desnecessários ou eram excessivos os seus dotes artísticos bem manifestos, e uma longa tradição.

Era indispensável primeiro que tudo criar a *arte popular* como primeiro alicerce para a *arte nacional*. Assim o compreenderam Rey Collaço, Viana da Mota, Freitas Branco, Rui Coelho, Sarti, e outros, indo procurar nos poetas, que mais se amoldavam ao seu modo de sentir, a inspiração das suas melodias, que, precisamente porque se divulgavam sem se banalizarem, constituem a arte dos povos.

Nos cantos portugueses, ultimamente dados à publicidade, alguns nos aparecem ainda com o tema vincadamente popular, como por exemplo o *Rouxinol*, de A. Sarti que, apesar de não ser português, tão bem se adaptou à nossa maneira de ser musical; mas de tal forma estilizam esses temas, que se ouvem sempre com imenso agrado. A maioria, porém, desses compositores, vai dando já à nossa arte o impulso vigoroso e persistente de que tanto precisava¹⁵⁶.

A apresentação de Violante Montanha confirmou os justíssimos louvores da crítica, elevando-a no conceito do público escolhido, que a aguardava ansiosamente, após dois anos de ausência. Os seus progressos artísticos, desde que saíra para Lisboa, foram maravilhosos. A. F., pese embora a estima pessoal que tem pela cantora, que o poderia incapacitar de ser imparcial, como exigia a análise, considera que Violante Montanha se pode colocar a par da maior parte dos sopranos que visitam o continente, com muitos dos quais rivaliza.

Para o *Jornal da Madeira*, a cantora:

Sente-se tão bem no palco como uma criança que canta no berço onde nasceu, tendo aquela uma diferença a mais do que esta, é a consciência do que diz e do que faz. O à vontade com que ela se apresenta, sorrindo e meneando-se naturalmente, por muito bem ali se encontrar, deixa-nos a simpática ilusão de que é uma artista de carreira. A arte que desenvolve tem a virtuosidade duma voz feita. É segura, justa e afinada; ataca muito a tempo as notas agudas e desce e sobe nos pianos com «esmorzandos» bem modelados e suavíssimos¹⁵⁷.

A. F. assegura que Violante Montanha apresentou igualdade de timbre em todos os registos, o que não é vulgar, principalmente na contextura expressiva. Esta dupla qualidade conduz a que, umas vezes, tivesse arrebatado o público pelo extraordinário

¹⁵⁶ *Diário de Notícias*, da Madeira (29 out. 1924, p. 3).

¹⁵⁷ *Jornal da Madeira* (28 out. 1924, p. 3).

brilho e, outras, o sensibilizasse pela sua comovente doçura. Ouvi-la a cantar primorosamente a «*Or via Manon*», de Massenet, a «*aria della prigionie*», do «*Mefistofele*», de Boito, e outros números a solo, bem como os duetos do primeiro ato da «*Tosca*» e final do primeiro ato da «*Butterfly*», ambos do maestro Puccini, constitui a evidência que A. F. considera para as qualidades anteriormente referidas.

Nas canções portuguesas, Violante Montanha mostrou-se uma artista superior pela clareza da dicção e da interpretação, imprimindo aos números executados um tal encanto, que, pela sua mão gentil, a música nacional parece entrar num período sério e evolutivo. O público pediu para serem bisados vários números.

No mesmo sentido opina o *Jornal da Madeira*, destacando «*Or via Manon*», as «*Papoulas*» que, com pena sua, não fora bisada, e a «*aria della prigionie*», «havendo-se sobretudo nesta, com todo o ‘entrain’ duma artista perfeita. Muito bem»¹⁵⁸.

Tomás Alcaide não foi avaliado em menor qualidade, apresentando-se «com a personalidade dum grande artista»¹⁵⁹. Considera A. F. que manifestou qualidades preciosas em tão limitado tempo de estudo, revelador seguro da intuição artística da futura glória musical do artista, como aliás o tempo o veio a comprovar. A sua voz amoldou-se com tal naturalidade aos trechos líricos que, na sua execução, adquire uma cor tão particular e sugestiva que se podia considerar já nitidamente traçada a sua carreira definitiva.

O *Jornal da Madeira* descreve-o como um:

Tenor com todos os característicos do género que cultivava, e mais um, tão raro na maior parte dos artistas: a cativante modéstia da sua apresentação. Que melodioso timbre que elasticidade volumosa e que plasticidade sonora! É uma voz maviosa e límpida, dum cristalino notável, subindo e descendo com suavidade¹⁶⁰.

Nos meios-tons, a voz de Tomás Alcaide é completa, perfeita. Nos *smorzandos* tem firmeza do timbre¹⁶¹, muito agradável, que o cantor conserva lentamente até à sua extinção, notada por todo o culto público que o escutava e apreciava, com o mais carinhoso acolhimento¹⁶². Disse primorosamente o «*Il sogno*» («*Manon*») de Messenet, que cantou extraprograma, dando-lhe com a magnífica meia voz, que possuía,

¹⁵⁸ *Jornal da Madeira* (28 out. 1924, p. 3).

¹⁵⁹ *Jornal da Madeira* (28 out. 1924, p. 3).

¹⁶⁰ *Jornal da Madeira* (28 out. 1924, p. 3).

¹⁶¹ Já em Itália, Tomás Alcaide é levado pelo maestro Fernando Ferrara a uma audição com o seu primeiro agente teatral, que terá comentado acerca do cantor «que primor de smorzandi» (ALCAIDE, 1961, p. 61). A finura de frasear (*badando alla biscroma*) levou o agente a comentar que Tomás Alcaide tinha «um cheque em branco na garganta» (ALCAIDE, 1961, p. 61).

¹⁶² *Diário de Notícias*, da Madeira (29 out. 1924); *Jornal da Madeira* (28 out. 1924).

determinados relevos, que encantaram extraordinariamente. Tem uma «forma corretíssima como sílaba o italiano, ajuntando à clareza inexcedível das palavras da letra que canta, a música inigualável da língua que pronuncia»¹⁶³. Em substituição do «*Spirito gentil*» da «*Favorita*», cantou a ária do «*Werther*» de Massenet, «*Ah, non mi ridestar*», que foi um dos mais belos trechos da sua escolhida seleção.

A. F. considera que os vivos aplausos do final do número de abertura do concerto sossegaram os nervos a Tomás Alcaide, naturalmente esticados pela comoção duma estreia ante um público desconhecido e com fama de exigente. Parece, assim, que o cantor estaria algo inquieto. A crítica continua considerando que:

Este artista não se familiarizou ainda com o palco, pisa a scena com hesitação própria de quem nela está a entrar, mas sente-se confiadamente dentro de si, tal é a segurança com que lança a voz e a firmeza com que a emposta, sem esforço, em todos os registos¹⁶⁴.

Posto à vontade pela nítida conquista desse público, canta de seguida, com inexcedível mimo e perfeição o «*Questa o quella*» do «*Rigoletto*» e, extraprograma, «*La donna è mobile*», da mesma ópera. Foi igualmente felicíssimo na ária final da «*Tosca*», «*E lucevan le Stelle*»: recebeu de toda a assistência uma vibrante e espontânea manifestação.

Os ardentes e nostálgicos duetos de amor com Violante Montanha foram larga e vibrantemente aplaudidos. No dueto da ópera «*Madama Butterfly*», Tomás Alcaide colocou em evidência o poder extraordinário da sua garganta. Em português cantou «O Rouxinol». Pese embora esta canção não tenha sido escrita para a sua voz, o cantor imprimiu-lhe o mais brilhante colorido e inexcedível sentimento, com geral agrado e prolongados aplausos, chegando a bisá-la.

A. F. não relata qualquer pequeno insucesso na execução dos cantores, provavelmente porque o global da exibição compensaria essas deficiências. O *Jornal da Madeira* não se inibe de as citar, ao mesmo tempo que considera que:

Nem vale mencionar pequenas deficiências, porque como amadores, obscureceram-nas todas. Tudo quanto se lhes apontar como defeito não é deles; é só do que ainda não podem fazer por estarem no princípio da escola. Os admiráveis recursos naturais e técnicos de que dispõem vencem entretanto grandes dificuldades e suprem as principais exigências¹⁶⁵.

¹⁶³ *Jornal da Madeira* (28 out. 1924, p. 3).

¹⁶⁴ *Jornal da Madeira* (28 out. 1924, p. 3).

¹⁶⁵ *Jornal da Madeira* (28 out. 1924, p. 3).

A. F. e o *Jornal da Madeira* auguram para Tomás Alcaide uma notável carreira na cena lírica, em que não é para desdenhar a elegância e correção da figura, desenhadas numa modesta e simples apresentação.

Como dissemos, o concerto foi acompanhado ao piano pelo ilustre pianista William Böhm, do quarteto húngaro do «*Reid's Palace Hotel*». Este pianista já os acompanhara, sendo um conhecedor profundo do piano e precioso cooperador dos cantores, estando sempre disposto para prestar a sua mais valiosa e artística colaboração¹⁶⁶.

A. F. resume deste modo o concerto do dia 26 de outubro:

O concerto dos dois ilustres artistas constitui para o público madeirense uma noite deliciosa de arte, com o atrativo bem querido ao nosso sentimento patriótico de nos ter sido proporcionado por dois ilustres compatriotas que irão dentro em breve honrar lá fora o nome da pátria a que pertencemos¹⁶⁷.

Visto o grande êxito obtido neste concerto, os cantores resolvem dar mais um concerto¹⁶⁸ em 30 de outubro. No dia 29 de outubro já estavam marcados muitos lugares, pelo grande entusiasmo que o concerto lírico despertara¹⁶⁹. O *Jornal da Madeira* relata o acontecimento:

O sucesso alcançado por estes dois artistas no seu primeiro concerto, a quem sem favor se tributou um acolhimento justo e carinhoso, deve ser para os *dilettanti* do nosso meio musical, um incentivo para que ao Teatro Municipal acorram hoje, não só a deliciar-se harmonias e clássicas, como também a dar estímulo aos estreates¹⁷⁰.

O *Diário de Notícias*, da Madeira,¹⁷¹ apresenta-o como o último concerto dos distintos artistas, principiando às 21 horas no Teatro Dr. Manuel de Arriaga. Mas em 30 de outubro já seria do conhecimento a confirmação de que se realizaria um terceiro concerto lírico, que é anunciado pelo *Jornal da Madeira*¹⁷².

Com um programa diferente daquele que fora dado no concerto do dia 26 de outubro, já anunciada essa particularidade pelo *Diário de Notícias*, da Madeira¹⁷³, seguiu-se um alinhamento idêntico ao do anterior concerto. A casa estava composta como no primeiro concerto: o mesmo religioso silêncio e as mais efusivas e espontâneas

¹⁶⁶ *Diário de Notícias*, da Madeira (29 out. 1924, p. 3).

¹⁶⁷ *Diário de Notícias*, da Madeira (29 out. 1924, p. 3).

¹⁶⁸ *Diário de Notícias*, da Madeira (28 out. 1924); *Jornal da Madeira* (28 out. 1924).

¹⁶⁹ *Jornal da Madeira* (29 out. 1924).

¹⁷⁰ *Jornal da Madeira* (30 out. 1924, p. 5).

¹⁷¹ *Diário de Notícias*, da Madeira (30 out. 1924, p. 1).

¹⁷² *Jornal da Madeira* (30 out. 1924).

¹⁷³ *Diário de Notícias*, da Madeira (28 out. 1924).

ovações. Nos camarotes era possível observar lindos rostos de mulheres madeirenses, muitas delas com formosas *toilettes* de *soirée*, «por entre cujos decotes espreitavam formosas e sadias carnações tentadoras».¹⁷⁴ Na plateia dispunha-se a escol dos entendedores musicais, ávidos de uma vez mais saborearem mais um ato musical que tão raras as vezes acontecia no Funchal.

O concerto organiza-se em três partes. Na primeira, inicia Tomás Alcaide, alternando números com Violante Montanha, fechando com um dueto. A segunda parte, dedicada a obras portuguesas, abre e encerra com Violante Montanha. Por último, Tomás Alcaide abre a terceira parte, alternando com a cantora, encerrando com um novo dueto.

Com exceção das «Cotovias» de Alberto Sarti, todos os demais números são distintos do programa do dia 26 de outubro. Cantaram-se obras de Puccini (das óperas «*Tosca*», «*Bohème*» e «*Madama Butterfly*»), de Leoncavallo (da ópera «*Pagliacci*»), Gounod (da ópera «*Faust*»), Verdi (da ópera «*Rigoletto*») e Massenet (da ópera «*Manon*»). No que diz respeito a canções portuguesas, interpretaram-se algumas das famosas peças de Alberto Sarti e as «Pombas» de Raimundo Correia, musicada por Fernando Moutinho (Figura 24).

¹⁷⁴ *Diário de Notícias*, da Madeira (5 nov. 1924, p. 2).

I PARTE	
a) Racondita armonia op. «Tosca»	<i>Puccini</i>
pelo tenor sr. Tomás Alcaide	
b) Qual fiamme avee, op. «Palhaços»	<i>Leoncavallo</i>
pela soprano D. Violante Montanha	
c) Chacalide menina, op. «Boheme»	<i>Puccini</i>
por D. Violante Montanha	
d) Mi chimano Mimi, op. «Boheme»	<i>Puccini</i>
por D. Violante Montanha	
e) Dueto do 3.º acto da opera «Fausto»	<i>Gounod</i>
por D. Violante Montanha e sr. Tomás Alcaide	
II PARTE	
a) Pombas	<i>F. Moutinho</i>
Papoulas	<i>Sarti</i>
por D. Violante Montanha	
b) Morena	<i>Sarti</i>
pelo sr. Tomás Alcaide	
c) Não fujas, não	<i>Sarti</i>
Cotovias	<i>Sarti</i>
por D. Violante Montanha	
III PARTE	
a) La donna é mobile, op. «Rigoletto»	<i>Verdi</i>
pelo sr. Tomás Alcaide	
b) Vos be di Vedremo, op. «Butterfly»	<i>Puccini</i>
por D. Violante Montanha	
c) Songno di Grioux, op. «Manon»	<i>Massenet</i>
pelo sr. Tomás Alcaide	
d) Aria das joias, op. «Fausto»	<i>Gounod</i>
por D. Violante Montanha	
e) Dueto final do 1.º acto da opera «Bo- heme»	<i>Puccini</i>
por D. Violante Montanha e sr. Tomás Alcaide	

Figura 24. Programa do concerto lírico do dia 30 de outubro de 1924 (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, DA MADEIRA, 30 out. 1924, p.1).

Tomás Alcaide, mais familiarizado com o público, é sentido por A. F. «mais senhor dos seus nervos», excedendo-se a si mesmo, se é possível, dizendo de modo

verdadeiramente impecável aqueles formosos trechos, «que tão bem se acomodam ao seu modo de ser vocal artístico». Violante Montanha canta com a mesma serenidade e fleugma que tanto vincam o seu temperamento e lhe permitem afrontar, sem medo, os mais exigentes públicos. Canta «*Mi chiamano Mimi*», tão primorosamente adequada ao seu feitio lírico, deixando pena na assistência na falta de oportunidade em vê-la representar e cantar toda a ópera da «*Bohème*». O dueto, como se sabe, encerra a primeira parte, onde os dois executantes dão todo o colorido e intenso sentimento com que foi escrito aquele magnífico *spartito* da ópera «*Faust*».

Na segunda parte, dedicada à música portuguesa, A. F. considera que:

Se é difícil enquistar um soneto em música, pela sua forma e *dimensões poéticas*, é forçoso confessar que o autor conseguiu escrever um trecho interessante, a que a linda voz de Violante Montanha deu o mais brilhante colorido e sentimento¹⁷⁵.

O público acolheu carinhosamente toda a interpretação de Violante Montanha nesta parte. Tomás Alcaide abre a terceira parte, dizendo com extraordinário relevo o difícil trecho do «*Rigoletto*», conduzido com a maior delicadeza, recebendo no final uma verdadeira consagração do público. A mais alto voo levou o artista a sua arte ao interpretar «*Le rêve de Des Grieux*», difícilíssima ária da ópera «*Manon*», verdadeira peça de exame, cantado com um extraordinário sentimento e inexcusável perfeição artística, intensamente ovacionado no final do encantador trecho de Massenet¹⁷⁶.

Violante interpretou peças que estavam a caráter na gentil *virtuose*, cantando com rara perfeição. Fechou com chave de ouro, dizendo magistralmente a «*aria dei gioielli*», da ópera «*Faust*», trecho de exame para todos os sopranos e que merece à ilustre «diva» uma aprovação com distinção e louvor que o público lhe conferiu no seu justo e vibrante *verdictum*.

A *soirré* termina com o dueto a que já nos referimos, cantado com a mesma correção e mimo que os artistas colocaram em todo o seu difícil e organizadíssimo programa. Ao que parece, as palmas quentes e vibrantes com que foram constantemente voriados os dois artistas no primeiro concerto, tiveram ainda mais vigor neste segundo concerto.

¹⁷⁵ *Diário de Notícias*, da Madeira (5 nov. 1924, p. 3).

¹⁷⁶ Tomás Alcaide considera que somente um crítico conseguiu, em toda a sua vida, ser «fino e observador», notando certos pormenores da sua interpretação do papel de «*Chevalier*» de «*Des Grieux*» e que até então haviam passado completamente despercebidos a todos os outros críticos (ALCAIDE, 1961, p. 271).

Acerca do concerto lírico do dia 30 de outubro, o *Jornal da Madeira* adianta que terá agradado plenamente, «dentro dos apreciáveis recursos naturais e técnicos de que dispõem aqueles novos artistas»¹⁷⁷, tendo confirmando os mesmos dotes artísticos manifestados no anterior concerto.

Todo o público que ali se achava, distinta e largamente representado, aplaudiu com entusiasmo todos os números do programa, sendo os artistas forçados a bisar alguns deles¹⁷⁸.

A fechar a sua *tournee* pela Madeira, Tomás Alcaide e Violante Montanha decidem, como se disse, presentear o público com uma simpática e meritória ação de despedida: um terceiro concerto lírico a realizar no dia 1 de novembro (sábado), com início às 21 horas, em benefício da «simpática» recém-inaugurada instituição de caridade Casa de Saúde de São João de Deus, sita na Quinta do Trapiche, no Funchal.¹⁷⁹

A compra da Quinta do Trapiche, com a respetiva adaptação e a aquisição de equipamentos e consumíveis (*e.g.*, mobílias, roupas), para receber os doentes exigiu avultadas despesas que a Ordem Hospitaleira de São João de Deus não dispunha, tendo suscitado a generosidade de muitos beneméritos, incluindo cónegos, leigos cristãos empenhados e o povo de Santo António e de toda a ilha¹⁸⁰. Nesse sentido, constituiu-se uma comissão promotora de festas de caridade nos estabelecimentos de espetáculos e de peditórios, com o objetivo de se angariarem fundos, constituída por um grupo de senhoras e de outras personalidades. De entre as várias ajudas de romagens das vizinhanças, de coletas e espetáculos, o *Jornal da Madeira* publica, em 12 de outubro de 1924, um agradecimento pela angariação de 1738 escudos¹⁸¹.

¹⁷⁷ *Jornal da Madeira* (1 nov. 1924, p. 5).

¹⁷⁸ *Jornal da Madeira* (1 nov. 1924, p. 5).

¹⁷⁹ Comumente conhecida por Casa de Saúde de Trapiche. Há vários anos que era desejada uma casa de saúde para doenças psiquiátricas, face ao fracasso do manicómio da Quinta do Rochedo, a funcionar no período entre 1906 e 1925. Inaugurada em 10 de agosto de 1924, pelo Fr. Juan Jesús Adradas Gonzalo, D. António Manuel Pereira Ribeiro e o fundador, e primeiro superior da casa, Fr. Manuel Maria Gonçalves (GAMEIRO; GONÇALVES, 2014), a Casa de Saúde de S. João de Deus era, originalmente um estabelecimento na área da saúde mental, com 40 doentes, incluindo 38 transferidos do Manicómio Câmara Pestana a pedido da Junta Geral (GAMEIRO, 2016). A Casa de Saúde de Trapiche inclui, atualmente, as valências da psiquiatria, da saúde mental, das dependências e da reabilitação psicossocial. É gerida, desde então, pela Ordem Hospitaleira de São João de Deus, comunidade religiosa com a primeira entrada em Portugal no ano de 1606 e restaurada, após a lei subversiva de 1834, por S. Bento Menni, em 1893.

¹⁸⁰ Gameiro e Gonçalves (2014, p. 131).

¹⁸¹ *Jornal da Madeira* (12 out. 1924, *op. cit.* GAMEIRO; GONÇALVES, 2014, p. 289).

Em 31 de outubro já muitos bilhetes para o concerto de Violante Montanha e Tomás Alcaide se encontravam tomados, em particular as frisas e os camarotes¹⁸², ficando uma «comissão de senhoras» com a incumbência da venda dos restantes bilhetes. O *Diário de Notícias*, da Madeira, enaltece esta tão generosa iniciativa, apresentando aos distintos artistas a expressão da sua simpatia e o preito da maior admiração¹⁸³. A comissão promotora da festa de caridade enviou bilhetes a um conjunto de personalidades distintas do meio, identificadas na edição do *Diário de Notícias*, da Madeira, de 1 de novembro¹⁸⁴. Esperava-se uma numerosa concorrência para o recital, não só pelo valor dos artistas e do programa, mas também pelo fim altamente simpático e altruísta a que se destinava o produto da mesma audição¹⁸⁵.

No dia 1 de novembro a casa estava cheia¹⁸⁶. Não dispomos, todavia, de elementos para indicar o valor arrecadado com este concerto. Nas contas relativas ao ano económico de 1924, da Casa de Saúde de São João de Deus, consta o valor de 60.000 escudos¹⁸⁷ referente a esmolas, legados e donativos, ainda que sem detalhar a sua progénie¹⁸⁸. Manoel Maria Gonçalves era, à data, diretor da Casa de Saúde do Trapiche. Em 8 de novembro de 1924 vem agradecer, penhorado, «a todas as pessoas que tão bondosamente concorreram para o bom êxito do concerto levado a efeito na noite de 1 do corrente em benefício dos doentes a seu cargo (...), e em especial aos distintos artistas Violante Montanha e Tomás Alcaide, às ilustres senhoras que tanto se empenharam na passagem de bilhetes e à imprensa local pelo seu interesse pelo benefício».¹⁸⁹

¹⁸² *Diário da Madeira* (31 out. 1924, p. 1)

¹⁸³ *Diário de Notícias*, da Madeira (31 out. 1924).

¹⁸⁴ Marcaram camarotes para o recital de 1 de novembro: «Comendador Adolfo Figueiredo, D. Eugenia Delgado, General Simões Soares, Dr. Joaquim C. de Souza, Dr. Alexandre Teles, Dr. Capitolino Batista, Capitão Souza Machado, Justino Henriques de Freitas, Luiz de Freitas Branco, Symfronio Ferreira, Feliciano Soares, Henry Hinton, Manuel Reis, Vasco Pereira, João Welsh, Álvaro Sá Gomes, Dr. Luiz Vieira de Castro, Consul do Brasil, Tomáz Caldeira, Vasco Doría, Pe. Eduardo Pereira, Diogo Lemos Pereira, Luiz Andrade, D. Adelaide dos Passos Almeida, José Figueira, Dr. Elmano Vieira, Ambrosio Zino, Manuel Joaquim Trindade, Raul Quintino de Souza, Charles Power, João Teago de Castro, Conego Homem de Gouveia, Dr. João Miguel Rodrigues, Luiz Alvaro de Carvalho, Eduardo Paquete, João de Freitas Martins, Dr. Romano Santa Clara Gomes, F. F. Ferraz, Humberto Machado, Feliciano de Brito Correia, Luiz da Rocha Machado, Dr. Carlos Leite Monteiro, David Adida, Dr. Ruy B. da Camara, Dr. João F. Almada» (JORNAL DA MADEIRA, 1 nov. 1924, p. 5).

¹⁸⁵ *Diário da Madeira* (31 out. 1924, p. 1) e *Diário de Notícias*, da Madeira (31 out. 1924, p. 1).

¹⁸⁶ *Jornal da Madeira* (5 nov. 1924).

¹⁸⁷ Cerca de 36.727 euros atuais (WILLIAMSON, 2019).

¹⁸⁸ Gameiro (15 mar. 2019).

¹⁸⁹ *Jornal da Madeira* (9 nov. 1924).

O programa deste terceiro concerto, na primeira e na terceira partes, resulta de um *mix* seletivo de números já interpretados nos dois anteriores concertos. A primeira parte seguiu o esquema dos demais concertos. Na segunda parte juntaram-se todas as peças portuguesas interpretadas nos concertos dos dias 26 e 30 de outubro, mas na terceira parte omitiu-se o dueto final entre Tomás Alcaide e Violante Montanha (Figura 25). Sublinhe-se que a única peça nova, relativamente ao programa dos dias anteriores, foi a ária «*Ah non mi ridestar*», da ópera «*Werther*» de Massenet, pese embora, como se disse, esta tenha sido executada em substituição do «*Spirito gentil*» da «*Favorita*» no concerto do dia 26 de outubro.

Em 5 de novembro, o *Jornal da Madeira* dá conta do concerto de 1 de novembro:

Havendo-se os concertistas em todos os trechos executados com as mesmas admiráveis qualidades dos dois primeiros recitais. O público acolheu com calorosos aplausos os artistas, pedindo para serem bisados muitos números¹⁹⁰.

A. F. conclui a sua análise desejando que:

Na sua carreira lírica, que lhe auguramos ser gloriosa, os acompanhem sempre as bênçãos daqueles a quem os seus corações generosos socorreram com tão larga e benemerente generosidade¹⁹¹.

Uma última palavra se deve dirigir ao pianista William Böhm, «um distinto maestro, assim conhecido e festejado» no meio musical madeirense¹⁹². Pela segurança manifestada em todas as três audições, provou, de um modo iniludível quanto lhe é familiar, a arte difícilíssima de acompanhador, onde, além da firmeza, se exige equilíbrio e relevos constantes, para que o conjunto se valorize e não se afirme, com base no rigor, apenas o piano.

¹⁹⁰ *Jornal da Madeira* (5 nov. 1924, p. 3).

¹⁹¹ *Diário de Notícias*, da Madeira (5 nov. 1924, p. 3).

¹⁹² *Jornal da Madeira* (1 nov. 1924, p. 5).

I PARTE	
a) Questa o quella, op. «Rigoletto» ... <i>Verdi</i> pelo sr. Tomás Alcaide	
b) Or via Manon, op. «Manon»..... <i>Massenet</i> pela soprano D. Violante Montanha	
c) Che gelide menina, op. «Bohemes» . . . <i>Puccini</i> pelo tenor sr. Tomás Alcaide	
d) Aria della prigionie, op. «Mephistofles» <i>Boito</i> por D. Violante Montanha	
e) Duetto do 1.º acto da opera «Tosca» <i>Puccini</i> por D. Violante Montanha e sr. Tomás Alcaide	
II PARTE	
a) Olhos Negros..... <i>Viana da Mota</i>	
b) Pombas <i>F. Moutinho</i> por D. Violante Montanha	
c) Rouxinol..... <i>Sarti</i> pelo sr. Tomás Alcaide	
d) Cotovias..... <i>Sarti</i>	
e) Papoulas..... <i>Sarti</i> por D. Violante Montanha	
III PARTE	
a) Ah non mi ridestar, op. «Werther».... <i>Massenet</i> pelo sr. Tomás Alcaide	
b) Io non son paurosa, op. «Carmen»..... <i>Bizet</i> por D. Violante Montanha	
c) Songno di Grioux, op. «Manon» <i>Massenet</i> pelo sr. Tomás Alcaide	
b) Un bel di Vedremo, op. «Butterfly» ... <i>Puccini</i> por D. Violante <u>Montanha</u>	
Acompanhados ao piano pelo maestro sr. W. Böhm.	

Figura 25. Programa do concerto lírico do dia 1 de novembro de 1924 (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, DA MADEIRA, 1 nov. 1924, p.2).

5. Depois do Funchal

Apesar da qualidade da crítica feita aos concertos do Funchal, Tomás Alcaide, na sua autobiografia, não lhes atribui qualquer relevo. Não faz uma única referência à sua deslocação ao Funchal. Talvez o apogeu do artista e as agruras que lhe surgiram durante e no pós-guerra lhe tivessem ocupado a mente de tal modo que se esqueceu dos sucessos alcançados na sua única deslocação artística à ilha da Madeira, ainda que na qualidade de amador.

Em 22 de março de 1925 encontramos-lo a cantar numa audição em casa da Madame Mantelli, e em 28 de março num sarau realizado no Colégio Militar, organizado e desempenhado por antigos alunos. Em abril desse ano, face a uma questão violenta com a família, Tomás Alcaide decide, com o financiamento da benemérita Clemência Dupin de Seabra, rumar a Itália, abandonando o Exército e o curso de Medicina¹⁹³. Em 19 de abril de 1925, um dia depois do Golpe dos Generais em que rebentara mais uma revolução em Lisboa, premonitória do golpe de 28 de maio de 1926, Tomás Alcaide sai da Estação de Santa Apolónia, em Lisboa, no Sud-Express em direção a Milão, onde chega em 22 de abril desse ano. Por Itália, pese embora os primeiros tempos muito difíceis, acaba por triunfar, afirmando-se internacionalmente no meio lírico, como um artista de primeira grandeza.

Violante Montanha, em maio de 1925 já se encontra bem instalada no círculo lírico de Lisboa. O *Diário de Lisboa* dá conta de um concerto de música contemporânea portuguesa, organizado pela distinta pianista e cantora Maria Amélia Teixeira, sendo intérprete, entre outros cantores, Violante Montanha¹⁹⁴. Ainda em junho desse ano, Luís de Freitas Branco (1890-1955) comenta a boa orientação que preside à escolha de novas obras apresentadas ao público de Lisboa. O programa que se seguiu à primeira audição do trio Vicent d'Indy é preenchido por solos de canto de Violante Montanha, tendo a cantora sido «aplaudidíssima pelas admiráveis qualidades interpretativas» (Figura 26)¹⁹⁵.

¹⁹³ Tomás Alcaide virá a saldar a sua dívida com a Clemência Dupin de Seabra após uma temporada em Lisboa, em 1930.

¹⁹⁴ *Diário de Lisboa* (13 mai. 1925, p. 2).

¹⁹⁵ *Diário de Lisboa* (24 jun. 1925, p. 2).



Figura 26. Violante Montanha, na década de 1930 (Espólio de Maria Teresa Montanha Ferreira de Matos).

Violante Montanha nunca casou. Sua sobrinha Maria Teresa Montanha Ferreira de Matos testemunha, em 16 de abril de 2019, que Violante Montanha viveu sempre angustiada e triste por não ter ido estudar para Itália. Faltara-lhe a coragem para contrariar os seus pais, que discordavam que «uma menina seguisse sozinha para Itália num mundo com muitos homens». Ficou em Portugal, com as limitações próprias de um país periférico que nem sempre agraciava os seus filhos com o devido valor.

Viveu com uma melancolia sempre presente, mas de uma simpatia ímpar e dedicação familiar cuidada, com uma contínua voz doce e macia. Violante Montanha partilhou o 1.º direito do n.º 70 da rua Marquês da Fronteira, em Lisboa, com a sua irmã Ilda Montanha até ao momento da morte. Afastada dos palcos, retirou-se em casa, dedicando-se a atividades domésticas e de bordagem. Com piano em casa, ensinou a sua

sobrinha «Teresinha»¹⁹⁶ a tocar, «batendo-lhe nas mãos», quando considerava necessário, por esta não se guiar pelo pentagrama. «Teresinha» tinha 16 anos de idade quando a sua tia Violante se despediu dos palcos, não tendo, por isso, oportunidade de a ver atuar. Para sua tristeza, a «tia Violas»¹⁹⁷ nunca cantou em casa na sua presença¹⁹⁸.

Ilda Montanha era funcionária da Companhia de Seguros Mutualidade, ao Chiado, em Lisboa e ia com recorrência à ópera ao Teatro Nacional de São Carlos. Por vezes, convidava a sua sobrinha Maria Teresa Montanha Ferreira de Matos para a acompanhar. Violante Montanha nunca as quis seguir, o que dá uma aproximada ideia ao que sentiria sobre a sua carreira lírica (Figura 27).

Às 8 horas de 15 de fevereiro de 1983 Violante Montanha vem a óbito, com uma insuficiência cardíaca descompensada¹⁹⁹. Tinha 78 anos. Os seus restos mortais foram inumados na sepultura temporária n.º 11.178, da secção 28, no dia seguinte, no Cemitério de Benfica²⁰⁰.

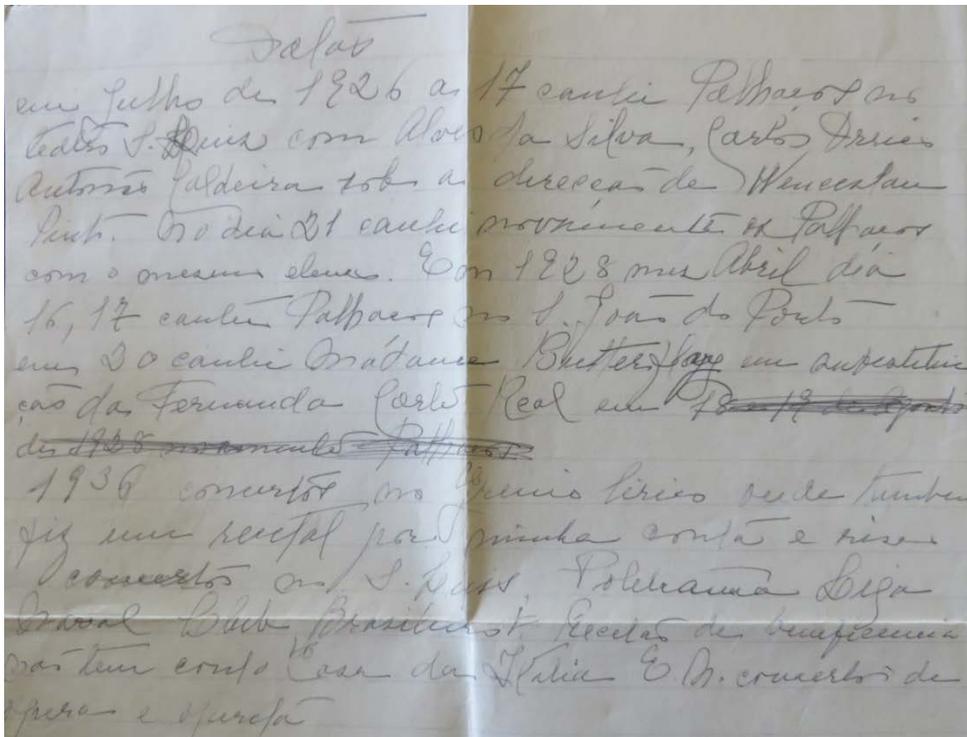


Figura 27. Texto manuscrito por Violante Montanha com referência aos locais e datas de alguns recitais e concertos (posterior a 1936). Espólio de Maria Teresa Montanha Ferreira de Matos.

¹⁹⁶ Diminutivo com que tratava Maria Teresa Montanha Ferreira de Matos, filha da sua irmã Maria Luísa Montanha Ferreira de Matos, que vivia 3.º direito do n.º 102 da rua de Artilharia Um, em Lisboa.

¹⁹⁷ Diminutivo como «Teresinha» se dirigia a Violante Montanha.

¹⁹⁸ «Teresinha» recorda, com comoção, os «chazinhos» que a «tia Violas» lhe preparava e a atenção cuidada e carinhosa que lhe dedicava.

¹⁹⁹ Assento de óbito n.º 244.

²⁰⁰ SCB (29 out. 2018).

Tomás Alcaide conhece Katherine Rich²⁰¹, de 23 anos, natural de Chicago, Estados Unidos da América, na escola do maestro Fernando Ferrara, com quem casa na *mairie* do 17.º bairro de Paris, em 29 de setembro de 1926. Virá depois a casar religiosamente, a pedido da sua família, na igreja matriz de Santo André, em Estremoz. Do matrimónio nasce a sua filha Mary Rich Alcaide, em 16 de dezembro de 1927, na cidade de Evanston, Illinois, Estados Unidos da América²⁰². Em 3 de julho de 1937 o casal divorcia-se.

Tomás Alcaide contrai segundas núpcias em Joinville, no Brasil, em 29 de agosto de 1941, com Asta-Rose Jordan²⁰³ (1922-2016), natural de Joinville, Santa Catarina, Brasil. Em 29 de novembro de 1965, adoece, vítima de trombose cerebral (Figura 28). Vem a falecer à 1:30 horas de 9 de novembro de 1967, devido a um novo acidente vascular cerebral, na sua residência habitual, avenida Infante Santo, n.º 361, 3.º esquerdo, freguesia da Lapa, em Lisboa. Foi sepultado no Cemitério de Estremoz. Não deixou herdeiros menores, mas deixou bens e fez testamento²⁰⁴.

²⁰¹ Filha de Herbert Sivens Rich e de Ella Dahl. Herbert Rich era diretor-editor de um jornal-magazine sobre *softdrinks*. A sua esposa era grande concertista de piano, ex-aluna, em Viena, do famoso pianista polaco Theodoro Leschetizky (1830-1915).

²⁰² Mary Rich terá casado e tido dois filhos.

²⁰³ Filha de Hans Jordan (deputado federal pelo estado de Santa Catarina em julho de 1947) e de Rose Jordan.

²⁰⁴ Assento de óbito n.º 714. O espólio de Tomás Alcaide (recortes de imprensa, álbuns de recordação e documentos oficiais vários; fotografias, cartas e postais; programas e cartazes; cenários, desenhos, maquetas e gravações sonoras) foi doado ao Museu da Música pela sua viúva. Após o seu falecimento, a família Jordan, cumprindo as últimas vontades da Asta-Rose, enviou para o município de Estremoz o muito que esta ainda possuía do acervo de Tomás Alcaide. A Câmara Municipal de Estremoz aceitou a doação, comprometendo-se a tratá-lo de forma a ser consultável e mesmo exposta.



Figura 28. Tomás Alcaide em 1966 (MOREAU, 2001, p. 11).

Em homenagem à sua pessoa, oito municípios portugueses atribuíram o nome de Tomás Alcaide a dez artérias locais, a saber:

- a) Avenida Tomás Alcaide²⁰⁵
 - Santo André, Estremoz, Évora
CP 7100-502 Estremoz
- b) Rua Tomás Alcaide
 - Sobreda, Almada, Setúbal
CP 2815-871 Sobreda
 - Hortas das Figueiras, Évora, Évora
CP 7005-629 Évora
 - Marvila, Lisboa, Lisboa
CP 1950-261 Lisboa
 - Linda-a-Velha, Oeiras, Lisboa
CP 2795-182 Linda-a-Velha

²⁰⁵ Originalmente rua Tomaz Alcaide, teve a placa toponímica descerrada em 2 de março de 1969, em homenagem ao artista promovida pela Câmara Municipal de Estremoz e pelo Orfeão Tomaz Alcaide. Neste evento, foi conferencista João de Freitas Branco. No Teatro Bernardim Ribeiro realizou-se récita com a ópera «*Rigoletto*», pela Companhia Portuguesa de Ópera do Teatro Trindade de Lisboa, com encenação de Tomás Alcaide.

- Corroios, Seixal, Setúbal
CP 2855-486 Corroios
- Fernão Ferro, Seixal, Setúbal
CP 2865-345 Fernão Ferro
- Algueirão-Mem Martins, Sintra, Lisboa
CP 2725-634 Mem Martins
- c) Praceta Tomás Alcaide
 - São Brás, Amadora, Lisboa
CP 2650-072 Amadora
 - Sobreda, Almada, Setúbal
CP 2815-817 Sobreda

Na celebração dos 44 anos sobre a morte de Tomás Alcaide, em 12 de novembro de 2011, o município de Estremoz, com Luís Filipe Pereira Mourinha na presidência da Câmara Municipal, homenageou o cantor, entregando à viúva o título póstumo de Cidadão Honorário de Estremoz e a Medalha de Ouro de Mérito Municipal pelo seu excelente trabalho como cantor lírico, com repetidas atuações nos mais famosos palcos da Europa, da América do Norte e da América do Sul. As cinzas de Tomás Alcaide seguiram depois, com guarda de honra do Colégio Militar, até ao Monumento em sua honra no largo dos Combatentes da Grande Guerra (Figura 29), em Estremoz, local onde foram depositadas²⁰⁶. Neste mesmo local, serão em breve depositadas as cinzas de sua esposa Asta-Rose Jordan Alcaide.

²⁰⁶ CME (2011). Para além do monumento, da autoria do escultor Domingos de Castro Gentil Soares Branco (1925-2013), o município de Estremoz homenageou Tomás Alcaide com a colocação de uma placa evocativa no Teatro Bernardim Ribeiro, a atribuição do seu nome ao Orfeão (criado em 16 de março de 1930 e tomando como patrono Tomás Alcaide em 1 de outubro de 1936) e a uma avenida na própria cidade.



Figura 29. Monumento a Tomás Alcaide, inaugurado em 7 de novembro de 1987, pelo então Presidente da República Mário Alberto Nobre Lopes Soares, com João António Primo Carrapiço na presidência da Câmara Municipal de Estremoz. Fonte e fotomontagem: abril de 2019 (AUTOR).

Violante Montanha e Tomás Alcaide foram cantores de excelência, cruzando parte do início dos seus percursos de líricos amadores em algumas atuações conjuntas (Cfr. Apêndice).

A carreira de Violante Montanha, porém, entrou na década de 1930 numa fase de estagnação habitual dos artistas portugueses que não se dispunham a procurarem no meio internacional a grandeza de aprendizagem e do sucesso que a pobreza do meio nacional não lhe permitia²⁰⁷. Mas, para que se lhe perceba melhor a qualidade do seu desempenho, a propósito do seu desempenho na «*Traviata*», no Coliseu do Porto, em 10 de maio de 1943, a crítica escreve²⁰⁸:

As honras da noite couberam, positivamente, justissimamente, a Violante Montanha – soprano-lírico de voz cristalina, gorgeante, pura, bem colocada

²⁰⁷ A cantora sentindo essa pobreza, refugiou-se na ilha da Madeira entre 1931 e 1937. A *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, por exemplo, a contrário do que faz para Tomás Alcaide, não dedica à cantora qualquer entrada ou menção.

²⁰⁸ *O Primeiro de Janeiro* (11 abr. 1943).

aprimorada em ótima escola, espontânea de emissão, de timbre agradabilíssimo e com larga prática da cena lírica. Violante Montanha que é uma brilhante cantora doublée de atriz expressiva e desenvolta, teve a seu cargo, a figura da protagonista – sobre a qual cai, principalmente, todo o peso de responsabilidades desta partitura verdiana. Violante interpretou a personagem com relvo, dando-lhe o devido colorido dramático, e vestiu-a bem e com bom gosto. Cantando, ouviu-se brilhantemente – não só pelos primores e encanto da sua voz como também pela expressão que lhe imprimiu e pela arte com que fez uso: bem mereceu os aplausos que recebeu.

Despediu-se dos palcos em 19 de junho de 1955, 33 anos depois de ter pisado o palco do Teatro Nacional de São Carlos pela primeira vez²⁰⁹.

Tomás Alcaide no panorama lírico português tem um lugar de primeira grandeza, a par de uma Luísa Todi (1753-1833), de uma Maria Júdice da Costa (1870-1960) ou de uma Regina Pacini (1871-1965), de um Maurício Bensaúde (1863-1912) ou dos irmãos António de Andrade e Silva (1854-1942) e Francisco Augusto de Andrade e Silva (1859-1921)²¹⁰. Tendo atingido o grau máximo de perfeição no que à técnica vocal diz respeito, o cantor tinha ainda uma notável capacidade torácica, com um domínio do diafragma que lhe permitia uma respiração «interminável». O seu jogo cénico era o de um ator perfeito, que não se limitava ao palco. Em 1935, a *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*²¹¹ na entrada Tomás Alcaide indica que:

Canta quási todo o vasto repertório lírico e lírico ligeiro, principalmente a *Manon*, de Massenet; *Lakmé*, *Pescador de Pérolas*, *Werther*, *Romeu e Julieta* e *Rigoletto*. Tem cantado em Portugal com delirante êxito, em várias temporadas líricas.

Tomaz Alcaide canta em português, espanhol, italiano, francês, inglês e alemão, línguas estas que lhe são familiares. É condecorado com as «palmas académicas» francesas e goza de renome mundial²¹².

Tomás Alcaide, que sempre preferiu que lhe chamassem artista em vez de tenor e que o criticassem tecnicamente em vez de emocionalmente, teve uma carreira de trinta

²⁰⁹ Em 31 de maio de 1947, o subsecretário de Estado das Corporações e Previdência Social, António Júlio de Castro Fernandes, aprova o regulamento que cria a carteira profissional dos artistas teatrais, como título obrigatório para o exercício da profissão. A partir de então, somente artistas munidos de carteira profissional podem ser admitidos nas empresas. Nos termos do art.º 2.º/§1.º do Regulamento da Carteira Profissional dos Artistas Teatrais, «a categoria de *artista dramático* abrange os artistas dramáticos dos géneros declamado e musicado e os artistas líricos». Violante Montanha tinha a carteira profissional n.º 311, para a categoria de artista dramática (interpretação), sendo sócia n.º 482 do Sindicato Nacional dos Artistas Teatrais. Declara que iniciara o exercício da profissão em dezembro de 1941, em teatros e recintos de espetáculos, que era um requisito para a emissão da carteira profissional sem se prestarem provas para o efeito (art. 3.º).

²¹⁰ Moreau (2001, p. 5).

²¹¹ A *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* inclui, também, uma entrada para Tomás Alcaide, elaborada com base na autobiografia do próprio autor (PAES, 1963, p. 934), pese embora de menor dimensão que a da citada *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*.

²¹² Bergström (1935, p. 778).

anos, com mais de 1090 récitas entre 1923 e 1953. Sempre dedicou amor às coisas da sua pátria²¹³, não sem chegar ao final com um desalento próprio de quem não recebeu o apoio que considerava necessário para o início da sua carreira. Ao regressar a Portugal, Tomás Alcaide sabia que estava a vir ao encontro do seu próprio suicídio artístico, porque «todo o país que não sabe honrar os seus artistas dá mostras de que nunca os mereceu»²¹⁴. Quando escreveu a sua autobiografia, o cantor não tinha, honestamente, como afirma, palavras para encorajar quem quer que fosse a sonhar um dia ser artista lírico em Portugal²¹⁵, porque

O que dá a consagração a um artista lírico não é um ou outro êxito esporádico conseguido aqui ou acolá, mas sim a sua longa e permanente atuação em teatros de grande categoria²¹⁶.

²¹³ Tomás Alcaide recusou, mais que uma vez, a nacionalidade italiana, em particular após a declaração de guerra de Itália à Abissínia. Escreveu que Deus o fizera nascer em Portugal e por nada deste mundo renegaria a sua pátria (ALCAIDE, 1961, p. 220). O seu canto do cisne em Portugal ocorreu em fevereiro de 1946 com duas récitas no Coliseu dos Recreios (ALCAIDE, 1961, p. 265).

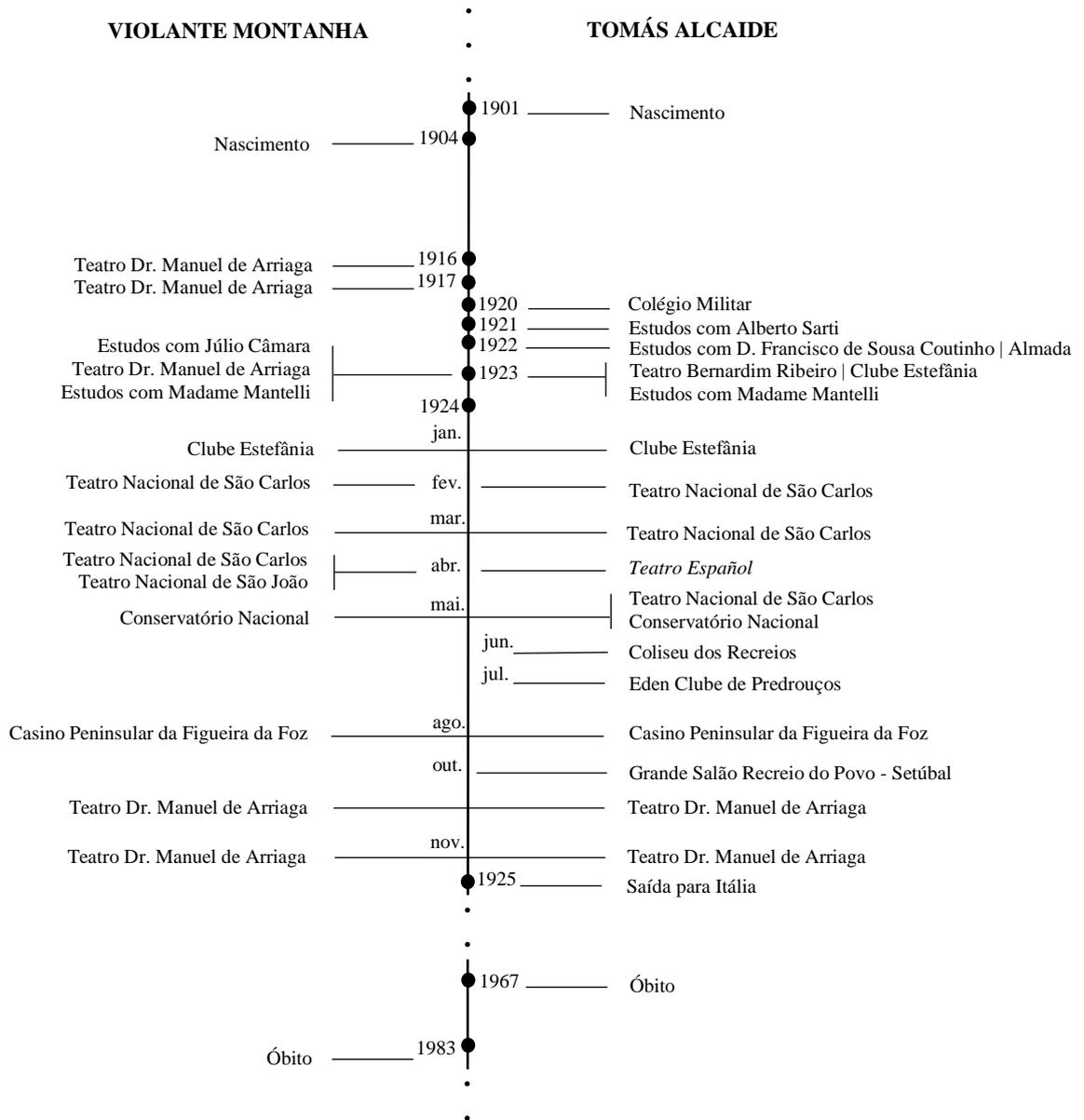
²¹⁴ Alcaide (1961, p. 293).

²¹⁵ Alcaide (1961, p. 293).

²¹⁶ Alcaide (1961, p. 179).

APÊNDICE

Eixo cronológico com as principais atuações artísticas de Violante Montanha e de Tomás Alcaide até 1 de novembro de 1924



Referências

ABC, 26 abr. 1924.

ADE – ARQUIVO DISTRITAL DE ÉVORA – **Autos de colação de Joaquim Maria Ribeiro da Silva** [em linha], 2008. [20 fev. 2019]. Disponível em WWW:<<https://digitarq.adevr.arquivos.pt/details?id=1115755>>.

ADE – ARQUIVO DISTRITAL DE ÉVORA – **Paróquia de Santo André** [em linha], 2015. [16 fev. 2019]. Disponível em WWW:<[URL:https://digitarq.adevr.arquivos.pt/details?id=996633](https://digitarq.adevr.arquivos.pt/details?id=996633)>.

ALCAIDE, Tomás – **Carta pessoal dirigida a Sampaio Ribeiro** [em linha]. 28 ago. 1948. [01 mar. 2019]. Disponível em WWW:<[URL:https://www.livrarialuisburnay.pt/detalhes_obra.php?n_org=m084&camp;cID=318?osCsId=fals6an4mnahehda3uqhoh1077](https://www.livrarialuisburnay.pt/detalhes_obra.php?n_org=m084&camp;cID=318?osCsId=fals6an4mnahehda3uqhoh1077)>.

ALCAIDE, Tomás – **Um cantor no palco e na vida**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1961.

ANDRADE, Sérgio C.; LIBERAL, Ana Maria; PEREIRA, Rui – **Casas da Música no Porto: Para a História da Cidade**. Vol. II. Porto: Fundação Casa da Música, 2010.

BERGSTRÖM, Magnus (Dir.) – **Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira**, Vol. 1. Lisboa: Editorial Enciclopédia, 1935.

CARVALHO, J. M. Baptista de – Concertos históricos de canto. **Diário Ilustrado** [em linha]. Ano 27, n.º 9:117. 2 ago. 1898, p. 4. [11 nov. 2018]. Disponível em WWW:<http://purl.pt/14328/1/j-1244-g_1898-08-02/j-1244-g_1898-08-02_item2/j-1244-g_1898-08-02_PDF/j-1244-g_1898-08-02_PDF_24-C-R0150/j-1244-g_1898-08-02_0000_1-6_t24-C-R0150.pdf>.

CARVALHO, Pinto de – **História do Fado**. Lisboa: Empreza da Historia de Portugal, 1903.

CARVALHO, Ana Paula; PIEDADE, M. Fátima Minas – **Achiles Machado (1862-1942). Um cientista e educador em Química**. Lisboa: Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, 2001, p. 14-19.

CMF – CÂMARA MUNICIPAL DO FUNCHAL – **Teatro Municipal Baltazar Dias** [em linha], 2018. [23 set. 2018]. Disponível em WWW:<<http://teatro.cm-funchal.pt/historia/>>.

CENTRAL CATALANA DE PUBLICACIONES – **Música: Ilustración ibero-americana**. Ano 2, n.º 9, 1930.

CHAVES, José Joubert (dir.) – **Ilustração Portuguesa** [em linha]. 2.ª série. Vol. 36, n.º 903, 1923, p. 705-736. [4 out. 2018]. Disponível em WWW:<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/IlustracaoPort/1923/N903/N903_item1/P22.html>.

CLODE, Luiz Peter – **Registo Genealógico de famílias que passaram à Madeira**. Funchal: Edição da Tipografia Comercial, 1952.

CME – CÂMARA MUNICIPAL DE ESTREMOZ – **Estremoz homenageou Tomaz Alcaide** [em linha], 2011 [09 fev. 2019]. Disponível em WWW:<<http://www.cm-estremoz.pt/noticias/2011-11-14-estremoz-homenageou-tomaz-alcaide>>.

Bonito, J. (2019). Violante Montanha e Tomás Alcaide: Um apontamento sobre os concertos no Funchal em 1924. *Isleña*, 64, 59-106. [ISSN 0872-5004]

CNPE – COMISSÃO NACIONAL DE PENSÕES ECLESIASTICAS – **Processo CNPE/SAN/TOM/PENEC/006. Heitor Olímpio Dias Antunes** [em linha], 2014a. [08 fev. 2019]. Disponível em WWW:<URL:http://purl.sgmf.pt/155416/1/155416_master/155416_PDF/155416.pdf>.

CNPE – COMISSÃO NACIONAL DE PENSÕES ECLESIASTICAS – **Processo CNPE/SAN/TOM/PENEC/002. Heitor Olímpio Dias Antunes** [em linha], 2014b. [08 fev. 2019]. Disponível em WWW:<URL:http://purl.sgmf.pt/155412/1/155412_master/155412_PDF/155412.pdf>.

CORREIA, André; MACEDO, Licínia – **Moda** [em linha], 5 fev. 2017. [19.set 2018]. Disponível em WWW:<URL:<http://aprenderamadeira.net/moda/>>.

COELHO, Miguel – Traviata... no Coliseu dos Recreios. **Gazeta dos Caminhos de Ferro** [em linha], 12.º do 54.º ano, n.º 1308, 16 jun. 1942, p. 293-294. [7 out. 2018]. Disponível em WWW:<URL:http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/GazetaCF/1942/N1308/N1308_item1/index.html>.

COELHO, Miguel – Traviata... no Coliseu dos Recreios. **Gazeta dos Caminhos de Ferro** [em linha], 3.º do 54.º ano, n.º 1323, 1 fev. 1943, p. 131. [7 out. 2018]. Disponível em WWW:<URL:http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/GazetaCF/1943/N1323/N1323_master/GazetaCFN1323.pdf>.

CÔRTE-REAL, Maria de São José. Frederico de Freitas e as instituições do Estado Novo. In CARVALHO, João Soeiro; CASCUDO, Teresa; CÔRTE-REAL, Maria de São José; DELGADO, Alexandre; FARIA, Padre Manuel; FERNANDES, Luz, et. al., **Frederico de Freitas (1902-1980)**. Lisboa: Ministério da Cultura - Instituto Português de Museus, 2003.

CRUZ, Visconde do Porto da – **Notas & Comentários para a História Literária da Madeira**. Vol. 3. Funchal: Câmara Municipal do Funchal, 1953.

Decreto n.º 12.227, de 31 ago. 1926, do Governo da República Portuguesa.

DGARQ – Direção-Geral de Arquivos – **Marqueses de Borba**, 2008. [4 nov. 2018]. Disponível em WWW:<URL:<https://digitarq.arquivos.pt/details?id=4223345>>.

DGC – DIVISÃO DE GESTÃO CEMITERIAL – **Fw: Pedido de informação**. Mensagem de correio eletrónico para Jorge Bonito, 02 abr. 2019. Comunicação institucional.

Diário da Madeira, 31 out. 1924.

Diário de Lisboa, 14 fev. 1924.

Diário de Lisboa, 16 fev. 1924.

Diário de Lisboa, 1 mar. 1924.

Diário de Lisboa, 3 mar. 1924.

Diário de Lisboa, 4 mar. 1924.

Diário de Lisboa, 16 mar. 1924.

Diário de Lisboa, 19 mar. 1924.

Diário de Lisboa, 29 mar. 1924.

Diário de Lisboa, 31 mar. 1924.

Diário de Lisboa, 5 abr. 1924.

Diário de Lisboa, 13 mai. 1925.

Diário de Lisboa, 9 jun. 1925.

Diário de Lisboa, 12 jun. 1925.

Diário de Lisboa, 24 jun. 1925.

Diário de Notícias, da Madeira, 5 fev. 1918.

Diário de Notícias, da Madeira, 3 out. 1924.

Diário de Notícias, da Madeira, 23 out. 1924.

Diário de Notícias, da Madeira, 25 out. 1924.

Diário de Notícias, da Madeira, 26 out. 1924.

Diário de Notícias, da Madeira, 28 out. 1924.

Diário de Notícias, da Madeira, 29 out. 1924.

Diário de Notícias, da Madeira, 30 out. 1924.

Diário de Notícias, da Madeira, 31 out. 1924.

Diário de Notícias, da Madeira, 1 nov. 1924.

Diário de Notícias, da Madeira, 5 nov. 1924.

Diário de Notícias, da Madeira, 5 mai. 2008.

Diário de Notícias, de Lisboa, 25 jan. 1924.

Diário de Notícias, de Lisboa, 4 mar. 1924.

Diário de Notícias, de Lisboa, 30 mar. 1924.

Diário de Notícias, de Lisboa, 25 out. 1924.

DIAS, Carlos Malheiro (dir.) – **Ilustração Portuguesa** [em linha]. 2.^a série, n.º 44, 10 dez. 1906, p. 575-610. [4 nov. 2018]. Disponível em WWW:<URL:http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/IlustracaoPort/1906/N42/N42_master/N42.pdf>.

DIAS, Carlos Malheiro (dir.) – **Ilustração Portuguesa** [em linha]. 2.^a série, n.º 279, 26 jun. 1911, p. 799-832. [4 nov. 2018]. Disponível em WWW:<URL:http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/IlustracaoPort/1911/N279/N279_master/N279.pdf>.

DPCML-NT – DEPARTAMENTO DE PATRIMÓNIO CULTURAL DA CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA-NÚCLEO DE TOPONÍMIA – **A rua do cantor lírico Dom Francisco de Sousa Coutinho ou Chico Redondo** [em linha], 2018. Disponível em WWW:<URL: <https://toponimialisboa.wordpress.com/2018/10/29/a-rua-do-cantor-lirico-dom-francisco-de-sousa-coutinho-ou-chico-redondo/>>.

DSEAM – Direção de Serviços de Educação Artística e Multimédia – **A Madeira na Berllinda**, 2018. [7 out. 2018]. Disponível em WWW:<URL:<https://recursosartisticos.madeira.gov.pt/bdigital/16484.pdf>>.

Bonito, J. (2019). Violante Montanha e Tomás Alcaide: Um apontamento sobre os concertos no Funchal em 1924. *Isleña*, 64, 59-106. [ISSN 0872-5004]

DUARTE, Fonseca – O Movimento Musical da Madeira. **Ilustração Madeirense** [em linha]. Ano 2, n.º 2, 1930. [7 out. 2018] Disponível em WWW:<URL:<https://recursosartisticos.madeira.gov.pt/index.php/projetos/biblioteca-digital/documentos-historicos/1695-ilustracao-madeirense-o-movimento-musical-da-madeira/file>>.

Eco artístico, III, 10 mai. 1913.

ESTEIREIRO, Paulo – **Música** [em linha], 1 fev. 2018. [2 out. 2018]. Disponível em WWW:<URL:<http://aprenderamadeira.net/musica/>>.

ESTEIREIRO, Paulo – **Uma História Social do Piano. Emergência e Declínio do Piano na Vida Quotidiana Madeirense (1821-1930)**. Lisboa: Edições Colibri, 2016.

GAMEIRO, Aires – **Trapiche (Casa de Saúde São João de Deus)** [em linha], 14 jun. 2016. [13 fev. 2019]. Disponível em WWW:<URL:<http://aprenderamadeira.net/trapiche-casa-de-saude-sao-joao-de-deus/>>.

GAMEIRO, Aires – **Re: Agradeço**. Mensagem de correio eletrónico para Jorge Bonito, 15 mar. 2019. Comunicação institucional.

GAMEIRO, Aires; GONÇALVES, Manuel Maria – **História da Casa de Saúde S. João de Deus na Madeira**. Vol. 1. Lisboa: Esfera do Caos, 2014.

GÓIS, Joana Catarina Silva – **A Geração do Cenáculo e as Tertúlias Intelectuais Madeirenses (da I República aos anos 1940)**. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2015. [19 out. 2018]. Dissertação de Mestrado.

GONÇALVES, Carlos – Salvador Dário Florez de Panto. **A música para piano na Madeira** [em linha], s.d. [2 out. 2018]. Disponível em WWW:<URL:<https://colecaomadeiramusica.madeira.gov.pt/musicaparapiano/salvadorpando%20port.html>>.

Jornal da Madeira, 3 out. 1924.

Jornal da Madeira, 25 out. 1924.

Jornal da Madeira, 28 out. 1924.

Jornal da Madeira, 29 out. 1924.

Jornal da Madeira, 1 nov. 1924.

Jornal da Madeira, 5 nov. 1924.

Jornal da Madeira, 9 nov. 1924.

Jornal dos Teatros, 1 jun. 1919.

Jornal dos Teatros, 25 mai. 1924.

LAMBERTINI, Michel' Angelo – Concertos. **A Arte Musical** [em linha]. Ano I, n.º 5, 15 mar. 1899. p. 39. [11 nov. 2018]. Disponível em WWW:<URL:http://purl.pt/29260/1/mpp-31-v_1899-03-15/mpp-31-v_1899-03-15_item2/mpp-31-v_1899-03-15_PDF/mpp-31-v_1899-03-15_PDF_24-C-R0150/mpp-31-v_1899-03-15_0000_capa-capa_t24-C-R0150.pdf>.

LAMBERTINI, Michel' Angelo – O Maestro Codivilla. **A Arte Musical** [em linha]. Ano 8, n.º 177, 15 mai. 1906, p. 11. [7 out. 2018]. Disponível em

Bonito, J. (2019). Violante Montanha e Tomás Alcaide: Um apontamento sobre os concertos no Funchal em 1924. *Isleña*, 64, 59-106. [ISSN 0872-5004]

WWW:<URL:http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/ArteMusical/1906/N177/N177_master/ArteMusical_A8_N177_15_Mai1906.pdf>.

LAMBERTINI, Michel' Angelo – Concertos. **A Arte Musical** [em linha]. Ano VIII, n.º 191, 15 dez. 1906. p. 254. [11 nov. 2018]. Disponível em WWW:<URL:http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/ArteMusical/1906/N191/N191_master/ArteMusical_A8_N191_15_Dez1906.pdf>.

LAMBERTINI, Michel' Angelo – Concertos. **A Arte Musical** [em linha]. Vol. 12, n.º 277, 30 jun. 1910. p. 147-148. [2 out. 2018]. Disponível em WWW:<URL:http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/ArteMusical/1910/N277/N277_master/ArteMusical_A12_N277_30_Jun1910.pdf>.

LAMBERTINI, Michel' Angelo – Portugal. **A Arte Musical** [em linha]. Vol. 14, n.º 331, 30 jun. 1910. p. 178. [9 fev. 2019]. Disponível em WWW:<URL:http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/ArteMusical/1912/N331/N331_master/ArteMusical_A14_N331_30_Set1912.pdf>.

LOPES, Agostinho do Amaral – **A obra de Fernão Ornelas na Presidência da Câmara Municipal do Funchal (1935-1946)** [em linha], 2005. [23 set. 2018]. Disponível em WWW:<URL:<https://core.ac.uk/download/pdf/62478332.pdf>>.

LOURENÇO, José; FERNANDES, Nuno – **Alfredo Gazul**, 2018. [04 nov. 2018]. Disponível em WWW:<URL:<http://www.editions-ava.com/store/composer/276/>>.

MACEDO, Licínia Isabel Freitas – **Cultura e outros tecidos: Contributo para o estudo da evolução do vestuário e a moda na Madeira, no período entre guerras (1918-1939)** [em linha]. Funchal: Faculdade de Artes e Humanidades da Universidade da Madeira, 2015. [19 set. 2018]. Dissertação de mestrado. Disponível em WWW:<URL:<https://digituma.uma.pt/bitstream/10400.13/1863/1/MestradoLiciniaMacedo.pdf>>.

MARQUES, A. H. Oliveira – **Dicionário de Maçonaria Portuguesa**. Vol. 2. Lisboa: Delta, 1986.

MARTIN-BALMORI, Isabel – **Didactique du belcanto: approche épistémologique des contenus d'enseignement et des pratiques de transmission**. Genève: Université de Genève, 2016. Tese de doutoramento.

MDCTN – MADRID DESTINO CULTURA TURISMO Y NEGOCIO, SA – **Historia del Teatro Español** [em linha], 2018. [09 fev. 2019]. Disponível em WWW:<URL:<https://www.teatroespanol.es/historia>>.

ME – MUNICÍPIO DE ESTREMOZ – **Teatro Bernardim Ribeiro** [em linha], 2019. [09 fev. 2019]. Disponível em WWW:<URL:<http://www.cm-estremoz.pt/pagina/camara-municipal/camara-municipal-teatro-bernardim-ribeiro>>.

MIBACT – **Città di Udine Aida**. [21 out. 2018]. Disponível em WWW:<URL:<http://www.collezionesalce.beniculturali.it/?q=scheda&id=10724>>.

Bonito, J. (2019). Violante Montanha e Tomás Alcaide: Um apontamento sobre os concertos no Funchal em 1924. *Isleña*, 64, 59-106. [ISSN 0872-5004]

MOREAU, Mário – **Cantores de ópera portugueses**. Vol. 3. Venda Nova: Bertrand Editora, 1995.

MOREAU, Mário – **O Teatro de S. Carlos: Dois Séculos de História**. Lisboa: Hugin Editores, 1999.

MOREAU, Mário – **Tomás Alcaide. 1901-1967. Edição comemorativa do centenário do nascimento de Tomás Alcaide**. Lisboa: Hugin Editores, 2001.

MOREAU, Mário – Laura Wake Marques. In CASTRO, Zília Osório de; ESTEVES, João (dir.) – **Dicionário do feminino (séculos XIX-XX)**. Lisboa: Livros Horizonte, p. 499, 2005a.

MOREAU, Mário – Violante Montanha. In CASTRO, Zília Osório de; ESTEVES, João (dir.) – **Dicionário do feminino (séculos XIX-XX)**. Lisboa: Livros Horizonte, p. 881, 2005b.

MOREIRA, Pedro Filipe Russo – **«Cantando espalharei por toda parte»: Programação, produção musical e o «aportuguesamento» da «música ligeira» na Emissora Nacional de Radiodifusão (1934-1949)**. Lisboa: Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Nova de Lisboa, 2012. Tese de doutoramento.

NORONHA, Francisco de Noronha – O Centenário de Herculano. **Occidente** [em linha]. Vol. 33, n.º 1124, p. 59, 20 de março de 1910. [1 nov. 2018]. Disponível em WWW:<URL: http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/Ocidente/1910/N1124/N1124_master/N1124.pdf>.

O Primeiro de Janeiro, 11 abr. 1943.

O Século, 12 jun. 1923.

O Século, 26 mai. 1924.

PAES, João – Alcaide (Tomás). In PORTUGAL, José Blanc (Dir.), **Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura**. Lisboa: Editorial Verbo, 1963.

PENHA, Coutinho – **A leiteira d'Entre Arroios: opereta de costumes portugueses em 3 actos: copiado pelo original do autor revisto em 1933** [em linha]. Biblioteca Nacional de Portugal, 2018 [09 fev. 2019]. Disponível em WWW:<URL: <http://purl.pt/24972>>.

PEREIRA, André Vaz – A Sociedade Coral de Lisboa: Um Projeto Artístico Particular no Panorama Musical. In Rosário, M.; Marinho, H. (eds.) – **Music and shared imaginaries: nationalisms, communities, and choral singing – Proceedings**. Lisboa: Sítio do Livro, 2014, p. 35-43.

PINTO, Jaime Nogueira – **Nobre povo – Os anos da República**. Lisboa: Esfera dos Livros, 2010.

PORTUGAL – DICIONÁRIO HISTÓRICO – Sousa Coutinho [em linha], 2016. [09 fev. 2019]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.arqnet.pt/dicionario/sousacoutinhofp.html>>.

REBELO, Francisco Montanha – **Genealogia – Apontamentos Vários. Parte I. Cadernos do Barão de Arêde** [em linha], N.º 7, p. 85-122, jan-jun.2016. [01 nov. 2018]. Disponível em WWW:<URL: http://www.aredes.eu/img/CADERNOS_BARAO_DE_AREDE_7.pdf>.

RODRIGUES, Maria da Paz Ferreira – **As Artes Performativas no Funchal Oitocentista (1820-1913)** [em linha]. Funchal: Universidade da Madeira, 2011. [12 mar. 2019]. Dissertação de mestrado. Disponível em WWW:<URL:<https://digituma.uma.pt/bitstream/10400.13/526/1/MestradoMariadaPazRodrigues.pdf>>.

RUA, Maria Amélia Machado – **O Orfeão Madeirense: Das Origens a 1957**. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2010. Tese de doutoramento.

RUBIO, Mercedes; BENEDICTO, Emilio – **Archivo de la Familia Mateo (Ojos Negros)** [em linha]. Centro de Estudios del Jiloca, 2005. [12 mar. 2019]. Disponível em WWW:<URL:<http://xiloca.org/data/Bases%20datos/Biblio%20electro/Archivo%20Mateo.pdf>>.

SÁ, Otília de Sousa e Sá – **Concerto para Flauta e Orquestra – Frederico de Freitas. Análise e interpretação**. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2004. Tese de doutoramento.

SALGADO, Susana – **The Teatro Solís. 150 years of opera, concert, and ballet in Montevideo**. Middletown: Wesleyan University Press, 2003.

SANTOS, Júlio Eduardo dos – Recordando dois notáveis cantores lisboetas, grande intérpretes de «Falstaff» e de «Dom João» - óperas de que atualmente o Teatro Nacional de S. Carlos está apresentando novas encenações. **Olisipo – Boletim do Grupo de Amigos de Lisboa** [em linha]. N.º 131, ano 33, set-dez 1970, pp. 113-121. [04 nov. 2018]. WWW:<URL:http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/Olisipo/1970/N131/N131_master/Olisipo_N131_Set-Dez1970.PDF>.

SCB – SECRETARIADO DO CEMITÉRIO DE BENFICA – **Re: Pesquisa**. Mensagem de correio eletrónico para Jorge Bonito, 29 out. 2018. Comunicação institucional.

SERVIÇOS DE BIBLIOTECA, INFORMAÇÃO DOCUMENTAL E MUSEOLOGIA – **Espólio Frederico de Freitas. Catálogo da correspondência recebida**. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2017.

SILVA, Caetano Alberto da – Ópera lírica no Coliseu dos Recreios. **O Occidente** [em linha] Vol. 37, n.º 1272, p. 139, 30 abr. 1914. [11 nov. 1914] Disponível em WWW:<URL:http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/Ocidente/1914/N1272/N1272_master/N1272.pdf>.

VARGAS, Affonso – O Maestro Codivilla. **A Arte Musical** [em linha]. Ano 8, n.º 177, 1906, p. 11. [7 out. 2018]. Disponível em WWW:<URL:http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/ArteMusical/1906/N177/N177_master/ArteMusical_A8_N177_15_Mai1906.pdf>.

VIEIRA, Alberto – **O bordado da Madeira. Na história e quotidiano do arquipélago**. Funchal, 1999. [19 set. 2018]. Disponível em WWW:<URL:<https://pt.calameo.com/read/0000104921244b56f0bc3>>.

VIEIRA, Ernesto – **Diccionario Biographico de Musicos Portuguezes: Historia e Bibliographia**. Lisboa: Typographia Mattos & Pinheiro, 1900.

VILARES, Ricardo Filipe – «Um sangrado enlevo»: **Moreira de Sá e o Culto da Música de Câmara no Porto** [em linha]. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2015. [8 out. 2018]. Dissertação de Mestrado. Disponível em

Bonito, J. (2019). Violante Montanha e Tomás Alcaide: Um apontamento sobre os concertos no Funchal em 1924. *Isleña*, 64, 59-106. [ISSN 0872-5004]

WWW:<URL:<https://ria.ua.pt/bitstream/10773/15551/1/Um%20sagrado%20enlevo.pdf>>.

WILLIAMSON, Samuel H. – Seven ways to compute the relative value of a U.S. Dollar Amount, 1774 to presente. **Measuring Worth**, 2019. [28 mar. 2018]. Disponível em WWW:<URL:<https://www.measuringworth.com/calculators/uscompare/>>.

Agradecimentos

Para a realização das pesquisas de informação, agradece-se a: Alberto Manuel Raposo Fernandes, oficial de registos da Conservatória do Registo Civil, Predial, Automóvel e Cartório Notarial de Mértola; Aires Gameiro, irmão da Comunidade do Funchal da Ordem Hospitaleira de São João de Deus; Ana Maria Esperança Salgueiro, colaboradora na Divisão de Cultura e Turismo da Câmara Municipal do Funchal; Fernando de Carvalho, coordenador do Centro Histórico do Teatro Nacional de São Carlos; e Sandra Nóbrega, chefe de Divisão de Atendimento e Informação e responsável pelo Teatro Municipal Baltazar Dias. Reconhece-se, ainda, Federica Camata, doutoranda na *Università Ca' Foscari* de Veneza, Itália, e Fernando de Carvalho, pela revisão crítica do texto.